

ILUSTRAÇÃO

N.º 201—9.º ano



OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**ATENDAM
NISTO**
Senhoras

Podíamos apresentar a MAIZENA DURYEA com uma embalagem rica, podíamos adicionar-lhe productos quimicos e essencias, e vende-la por vinte quando não valeria mais de dois, mas nós não alteramos o seu fabrico, por sabermos que tal qual é, e sempre foi apresentada, é a farinha mais completa oferecida até hoje, para alimentação das creanças, dos doentes e das pessoas idosas.



A MAIZENA DURYEA

é um alimento natural, rico em gluten, em proteínas e hidratos de carbono. Absolutamente pura, inofensiva e assimilável mesmo ministrada na idade mais tenra da creança, ou no organismo das pessoas debilitadas. A MAIZENA contém todos os elementos nutritivos necessários para tornar solidos os tenros ossinhos, e dar vigor aos delicados musculos da creança fazendo-a crescer

robusta e sadia. Sirva-a com frequencia aos seus filhos na certeza que lhes estará dando o melhor alimento que existe. A sua embalagem simples, permite-nos vende-la por um preço acessível mesmo aos menos protegidos da fortuna. Pergunte ao seu medico a sua opinião e ele lhe dará a confiança que deposita na MAIZENA DURYEA.



A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regeite-as—se não quiere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda., Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA
Queira envlar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome.....
Morada.....
Localidade..... Port. 1

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL—Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Cafiaspirina

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Vai aparecer brevemente um livro indispensavel em todos os lares

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

HIGIENE, DIETÉTICA, GIMNÁSTICA, ENFERMAGEM, FARMÁCIA CASEIRA, DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS, SOCORROS DE URGENCIA

A descrição do corpo humano * As plantas medicinais e suas applicações * O tratamento dos doentes na ausência do médico * Cuidados essenciaes na defeza da saúde e longevidade * Os conhecimentos de medicina indispensaveis a toda a gente * Receitas de cosinha para doentes, convalescentes e sãos, etc.

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA E MUITO AUGMENTADA

POR SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande successo literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

OBRAS
DE
JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular.

Cada volume ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — DA TERRA À LUA, viagem directa em 27 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2 — A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3 — A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7 — AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
- 8 — VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*. 1 vol.
- 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARIINAS:
- 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22 — AS INDAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — A GALERIA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29 — OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGÜN, 1 vol.
- 30 — ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
R. Garrett, 73-75 — LISBOA

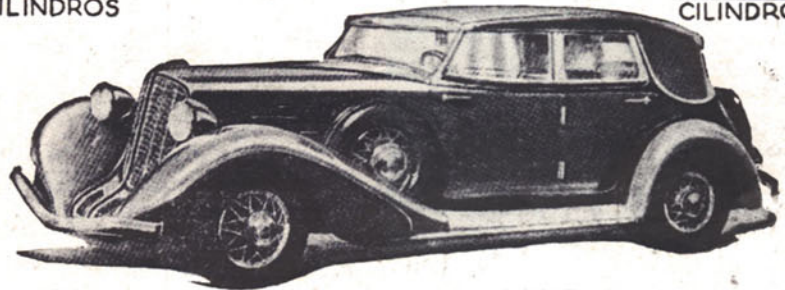
**MAIORES VALORES
MENORES PREÇOS**

AUBURN

6
CILINDROS

**TUDO NOVO
E APERFEIÇOADO!**

8
CILINDROS



**O MAIS ESPANTOSO CONJUNTO DE VALORES
ATÉ HOJE OFERECIDO AO PÚBLICO**

A requintada elegância e o impecável funcionamento destes novos AUBURNS despertarão em V. Ex.º o maior entusiasmo. A delineação da sua aero dinâmica sem exagero, só tornada possível pelo nosso estreito contacto com a fabricação de aviões... as suas linhas ultra modernas... o seu luxuoso conforto... a sua força potente e dócil... os seus últimos aperfeiçoamentos... são valores inconcebíveis para tão baixos preços. Analize estes novos AUBURNS e conduza-os. Serão feitas as demonstrações que V. Ex.º desejar.

DISTRIBUIDORES GERAIS:
SOC DE IMPORTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE AUTOMÓVEIS, LIMITADA
Stand: Avenida da Liberdade, 231, 233, 235 — LISBOA — Telefone N. 4990

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

**LIVRO MUITO ÚTIL
E REPLETO DE GRAVURAS**

1 vol. encad. em percalina **25\$00**
Pelo correio à cobrança **27\$50**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A
pequenada
adora
Kellogg's



Todas as crianças se desenvolvem mais: comendo do que gostam. Portanto deixa-las comer KELLOGG'S Corn Flakes ao almoço, lunch ou ao deitar. É um alimento leve e de fácil digestão, contendo o valor nutritivo de que as crianças precisam, e é de uma frescura inigualável.

Serve-se com leite frio ou nata, directamente do pacote. Não precisa ir ao lume e é bastante económico.

**Kellogg's
CORN FLAKES**



A venda nos bons estabelecimentos - em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

Acaba de sair a
nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução
Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estam-
pas. Encadernado em per-
calina, Esc. 30\$00. —
Pelo correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

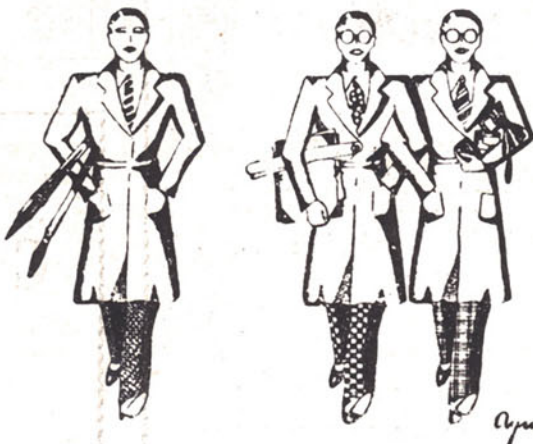
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

A assinatura do convénio entre Portugal e a França representa o termo feliz de negociações penosas e demoradas em que o prestígio e interesses da pequena nação ocidental se acharam defendidos com uma tenacidade e brio há muito caídos em desuso.

Já desafeitos de ver sustentada sem esmorecimento a dignidade do nome colectivo, é com júbilo que registamos o êxito desta vez obtido, pleno e consolador. Conseguimos ver respeitada a nossa posição, aquilo que em boa justiça nos cabia, depois de considerado o momento que o mundo atravessa. Nem prejudicámos, nem fomos prejudicados porque a equidade e nobreza de conduta orientou de parte a parte os negociadores.

E sinal seguro de que a inteligência da justiça e o asserto assistiram a quantos de um lado e outro cooperaram na obra levada a termo, acha-se na demonstração de apreço, singular e excepcional que o governo francês acaba de dar ao sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, conferindo-lhe o grau de Gran-Cruz da Legião de Honra.

É a primeira vez, depois de 1910 que esta distinção extrema toca a um português, por isso acontece ser o ilustre professor que sobraça aquela pasta, o único entre nós neste momento investido de tal dignidade.

O que ela significa como louvor a qualidades de talento, cordura, ducti-

Doutor Caeiro da Mata

O governo francês concedeu a este ilustre professor ministro dos estrangeiros o alto grau da Gran-Cruz da Legião de Honra

lidade, agudeza de espírito, reveladas durante as negociações, merece que o relevemos para bem ser apreciado.

É certo que a pessoa animadora e orientadora da acção, por parte de Portugal se chama Doutor Caeiro da Mata, nome que só por si, sem auxílio do cargo, já representava um



valor conhecido e categorizado no país que acaba por este modo de colocá-lo entre os altos e raros dignitários da sua Ordem mais representativa.

Com orgulho como portugueses e com o desvanecimento próprio da elevada estima e admiração que nos prende ao agraciado, registamos o

facto neste lugar e nestas condições, o que também desejamos seja tomado por o mais alto posto de honra que possuímos para atribuir apenas aos muito raros.

O professor Caeiro da Mata pelo seu talento, seu saber e seu carácter revelado nas multiplas situações a que o chamaram, adquiriu um prestígio logicamente projectado além fronteiras.

Autor de obra vultuosa e séria, catedrático que se impõe pela profundidade e clareza da lição, lidador de homens difíceis de conduzir, preciso e seguro em todos os movimentos de espírito, a ninguém surpreende o brilho adquirido pelo seu nome em qualquer lugar em que se encontre.

E o mais singular da sua posição reside na circunstância de ser pelo próprio ignorado o respeito e admiração que o cercam. Para isso concorre uma modestia que só encontra medida na grandeza da sua alma e inteligência.

Aproveitamos o momento que decorre para a apresentação deste retrato espiritual nada favorecido e que todos acharão muito inferior ao original.

Quem haja tido ensejo de conhecer de perto as qualidades raras do notável homem público que neste momento dirige as nossas relações com o exterior, saberá perdoar as deficiências da máquina que nos serviu para dar uma idea da pessoa que pretendemos mostrar aos leitores da *Ilustração*.

N o Palácio do Parque que Deus dará ao lisboeta futuro, abriu no dia 26 o Salão do Automóvel, como quem diz, o recinto em que a entidade prestigiosa dêste tempo recebe as visitas, amigos e admiradores, ali levados por cativos da sua graça. A bem dizer nesse número contam-se todos os vivos, pelo menos os dotados de olhos para lhe contemplarem o porte donairoso. Moços e donzelas cubiçam-lhe o corpo volúvel, em que vêem representado o próprio pensamento e a promessa de, levados por êle, chegarão muito depressa a fazer nenhuma cousa.

As crianças miram-no como brinquedo maravilhoso que rodopia, guincha, corre e de vez em quando amua, sem se saber porquê. Os velhos estimam-no como o mais aprasível multiplicador de sensações para a vista, o tacto, o ouvido, portanto dilatador da vida, qualquer cousa de semelhante ao elixir do alquimista rebuscador da pedra filosofal.

Nenhuma idade, nem condição escapa ao seu enleio sedutor. Ninguém se furta a devanear com o prazer voluptuoso que êle oferece a quantos lhe pedem o serviço, e todos o incluem no seu programa de cubiças, ou de sonhos a realizar um dia se a fortuna fôr propícia.

E assim nada mais prometededor de alegria, de ajuntamento feliz, a arfar boa disposição, do que o convite enviado pelo Automóvel aos moradores da cidade dormiente, entediada, bocejadora, que apelidamos de Lisboa.

Oferencia-se-lhes ensejo de contemplarem a forma gentil, inédita, que a máquina acaba de escolher, a moda nova da arte de correr e mudar de pouso, ar e horizonte, de quarto em quarto de hora.

Pois muito se engana quem cuida de côr, por aparências, ou contas do que devia ser.

O Palácio erecto no terreno em que uma Lisboa nascitura terá o prometido parque, abriu as portas com solenidade entre as 3 e as 4 dêsse ameno dia 26. Entre as 4 e as 5 foi o cronista dar fé do que havia nas vastas dependências, onde se juntara o objecto do sonho, servido a tôdas as idades, desde as primeiras às últimas. Ia-se para gozar o devaneio próprio e observar o alheio.

Esperava-se que as raparigas e as donas, as moças e a gente circumspecta andassem em chusmas alacres, buliçosas, de sala em sala, em tórno dos mais belos de contórno, dos mais singulares na côr, ou arranjo íntimo, dos mais cativantes por qualquer feição. Contava-se topar um derrete contínuo de olhos

CRÓNICA DA QUINZENA

embebecidos com focinhos pintados de verde, com volantes, manivelas, mostradores cheios de rodízios esquisitos.

Pois não se achou nada do previsto. A Lisboa soturna, sem caras femininas, sem risos agudos, sem a côr e porte gracioso, delicado, que a mulher imprime com a sua presença, foi o que se deparou à vista atónita do deambulante. Só homens, os perpétuos e insportáveis homens circulavam entre os lindos pegasos, naquella attitude peculiar de sonâmbulos, de conspiradores, ou daquilo que se quiser.

É desnorteante e abismal êste carácter da infeliz capital portuguesa.

Onde estão e que fazem as suas mulheres?

Talvez se encontrem ainda no harém escutando um eunuco a recitar versículos do Alcorão.

*

A chegada de Sanjurjo a Portugal pôe-nos diante dos olhos o drama da paixão, em muitas jornadas, que a Espanha vem representando há muito sem esmorecer e sem que ninguém preveja ainda quando o retirará de cena.

O general prestigioso que neste momento escolheu o nosso bom clima ribeirinho para descansar, já desempenhou papel importante e difficil no grande auto.

Até houve quem não soubesse entender o seu trabalho em determinadas passagens importantes, de que dependeu o desenvolvimento da acção. Menciona-se de preferência aquêle quadro em que teve de mudar-se o figurante central da peça. Ficou por esclarecer se pretendia conservar ou afastar a monarquia.

Aceite como segura a sua intelligência das realidades, tem de admitir-se que optou pelo repudio do chefe que se revelara incapaz de comandar nas horas decisivas. Esse rei que pretendeu criar, sem conseguiu-lo, e não soube animar o criador que o destino lhe ofereceu, teve da nação o único acolhimento lógico que foi o de recusa a aceitar-lhe mais a autoridade.

Tão clara se tornou a prova que todos a tomaram por decisiva e lhe fizeram entender as conseqüências.

Afastado o personagem, prosseguiu o drama, versando o tema começado, que desde o início, então e agora permanece o mesmo.

Vem a ser a luta do espírito nacional,

de estrutura latina, modelado no respeito pela independência, contra o império de estranhos, ou ideia de submissão a força alheia, com escarvidão dissimulada por qualquer disfarce de comunidade internacional. A antítese pronuncia-se entre o pensamento espanhol, a unidade local, de feição caldeada na antiga officina greco-romana, fabricante da célula familiar, do agro privativo, dos officios independentes, do comércio público para o negócio de interesse colectivo, a que se opõe o instinto asiático de submersão sob o oceano multitudinário, sem lar diferenciado, sem pouso fixo, sem sentimento da dignidade e existência individual.

Nunca teve, nem tem outro sentido o diálogo trágico, movimentado que estamos ouvindo naquele palco peninsular. O génio moscovita traz no ventre a fundação de um império que reproduziria, em formato mais amplo, o papado medieval. Repele-o por instinto a velha alma céltica, romana, que vive na massa compacta da população, particularmente na mulher, de natureza mais viva para sondar as directrizes ocultas do sentido da raça.

Sanjurjo ao ser chamado ao proscénio mostrou-se inteirado do fluído ancestral e tudo leva a crer que se determinará pela Espanha contra o domínio alheio, seja qual for o disfarce que pretenda occultar o desejo de império do invasor.

O seu voto, expresso em acto, custou-lhe uma condenação à morte, o presídio e agora uma tal ou qual condição de exílio.

Por certo não mudou de sentimento no intervalo e isso faz com que o destino continue a impeli-lo para novo diálogo em que a sua voz há-de dizer palavras decisivas.

No desfêcho triunfará o espírito da Espanha, cristalizado em forma mais dura e imutável que o preparado pela Rússia, à última hora, com elementos vindos da Ásia.

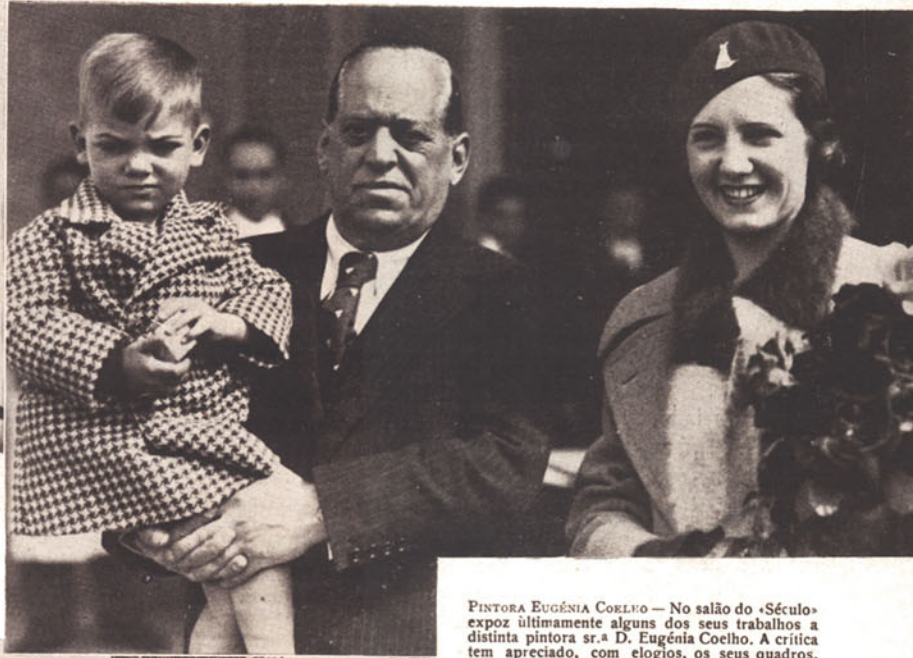
E Sanjurjo há-de concorrer para que no ocidente continue a existir a alma occidental em tôda a graça e alegria que lhe imprimiu o sol de Lacio.

Em tôdas as formações étnicas de idade milenária, como estas d'aquem Pirineus, existe uma estrutura de sentimento e espírito, mais que nacional, quasi classificável de geográfica que imprime carácter aos nascidos e criados no lugar, e se mostra insubmersível na onda das invasões estranhas. Resistiu ao godo e ao mouro como resistirá ao russo. Tênhamo-lo por fé para nos furtarmos aos ataques do abominável «*tædium vitæ*».

Samuel Maia.

FIGURAS E FACTOS

O GENERAL SANJURJO EM LISBOA — Vindo de Gibraltar, onde embarcou no vapor «Baloera», chegou na última sexta-feira a Lisboa o general Sanjurjo, figura gloriosa do exército espanhol e que, como chefe duma revolta, havia sido condenado a prisão perpétua. Uma amnistia a todos os crimes políticos, abrangendo-o. O herói das campanhas do Riff escolheu o Estoril para descansar. À sua chegada ao rio Tejo compareceram muitos dos deportados de Villa Cisneiros e grande número de seus compatriotas que vivem entre nós. Fixou residência no hotel *Miramar*, do Monte Estoril, onde, com sua esposa e filhos, tenciona demorar-se uma longa temporada



UMA HOMENAGEM AO PINTOR MALHÔA — No prédio da travessa do Rosário, onde residiu longos anos o notável pintor José Malhó, foi, na última sexta-feira, descerrada uma lápide onde se lê: «Nesta casa viveu o grande pintor José Malhó de 1920 a 1923. Homenagem da Comissão Administrativa do Município de 1934». Durante a cerimónia falaram os srs. Salvação Barreto, em nome da C. M. L., dr. Xavier da Costa, pela Academia de Belas Artes, Benvindo Ceia, pela Sociedade de Belas Artes, António Montez e dr. Cortez Pinto

PINTORA EUGÉNIA COELHO — No salão «Século» expoz ultimamente alguns dos seus trabalhos a distinta pintora sr.ª D. Eugénia Coelho. A critica tem apreciado, com elogios, os seus quadros, acusando o progresso da sua técnica e afirmando que a Arte de Pintar pode contar com mais uma artista de autêntico valor. Entre as obras que expõe, contam-se três retratos de bom desenho e uma tela: «O Manuel e os seus brinquedos» que revela técnica e uma perfeição segura. As suas flores e as naturezas mortas merecem também referéncia especial, tal a sua confecção artística.



O SALÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA — O Chefe do Estado inaugurou, há dias, no Palácio das Exposições, o Salão Automóvel de Lisboa. Acompanhavam-no os ministros do interior, comércio, marinha, governador civil de Lisboa, vários membros do corpo diplomático e as direcções do Automóvel Clube de Portugal e da Associação Industrial Portuguesa. Depois de visitadas todas as dependências, onde o sr. general Carmona teve uma frase para cada um dos expositores, o Salão foi franqueado ao público. A exposição tem sido muito visitada, principalmente no último domingo, tendo o público apreciado, demonstramente, os «stands».



AS AUTO-ESTRADAS

problema moderno da circulação

O prodigioso desenvolvimento tomado nestes últimos tempos pelos transportes em estrada, atribuível ao incremento constante da indústria automóvel, colocou os construtores e sobretudo os serviços de comunicações de todos os países europeus na presença de um problema de circulação que, dia a dia, se torna mais imperioso. A estrada não acompanhou a evolução utilitária do automobilismo, nem sofreu as transformações indispensáveis ao rendimento máximo dos modernos veículos mecânicos.

Por um lado, tem aumentado constantemente o número de carros em circulação e a variedade de aplicações em que são utilizados; por outro lado conservam-se ainda em actividade inúmeros veículos de tracção animal, peçando as mesmas estradas, as quais datam quasi sempre de uma época em que se não sonhava sequer a afluência de carros que actualmente as percorre. Estas duas situações antagónicas são irreconciliáveis, e os trabalhos postos em prática pelos engenheiros, refazendo ou adaptando a antiga rede de comunicações, procurando transformar em novo o que era velho, resultam finalmente insuficientes para as necessidades do trânsito e improprias para o aproveitamento integral da velocidade, que é uma das características essenciais do século em que vivemos.

Em algumas nações europeias foi o assunto estudado com grande interesse e cabe à Itália a honra de primeiro lhe haver trazido uma solução prática, criando as auto-estradas, que o próprio Mussolini, num dos seus discursos patrióticos definiu como «uma grandiosa antecipação italiana e um certificado do seu poder criador, digno daqueles que espalharam pelo mundo os filhos da antiga Roma».

Os inconvenientes da antiga estrada são eliminados pela auto-estrada que, evitando a travessia dos lugares habitados, prefere a linha recta para o seu traçado do qual exclui em absoluto as passagens de nível, e quando é forçada a uma mudança de direcção, adopta sempre curvas de largo raio. Por ela é vedado o trânsito aos peões e carros não automóveis, possui largura proporcionada ao tráfico máximo normal e, finalmente, é revestida de qualquer substância resistente e homogeneia, isenta de poeira e lama.

Entre os diversos países que adoptaram a iniciativa italiana, figura hoje num dos primeiros lugares a Alemanha, cuja rede de auto-estradas é já importantíssima e cada vez mais se aperfeiçoará dentro de um plano elaborado em obediência a princípios de ordem estratégica, permitindo em caso de necessidade o transporte rápido, por via automóvel, de fortes contingentes militares para qualquer ponto do território ou suas fronteiras.

A extensão total das auto-estradas alemãs alcançará perto de 5.000 quil. quando esteja concluída; a largura do pavimento varia entre vinte e trinta metros, sendo todos os cruzamentos com linhas ferreas



ou outras estradas feito em planos sobrepostos.

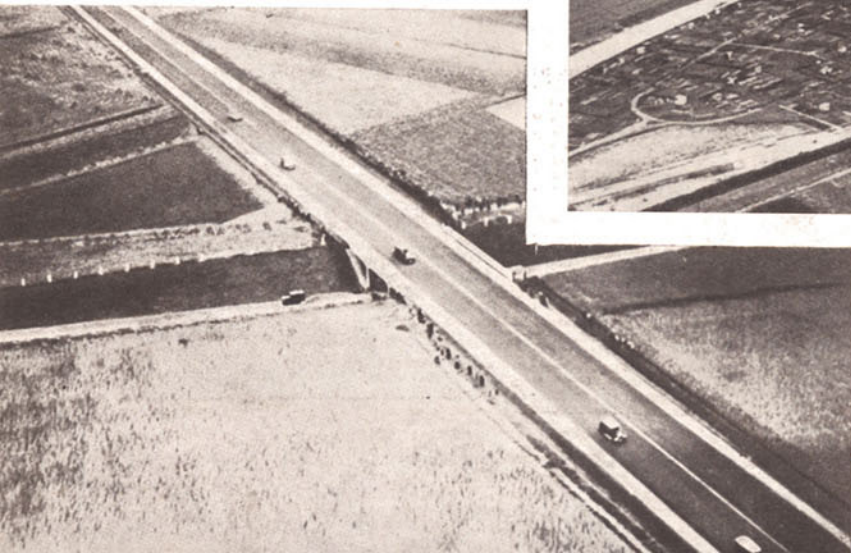
As três linhas principais, dirigidas no sentido leste-oeste partirão, respectivamente, de Aix-la-Chapelle para Hannover, Berlim e Stettini; de Sarrebrück para Benthien, passando por Francfort, Leipzig e Breslau; novamente de Sarrebrück para Stuttgart e Munich, seguindo para a Austria. Ligando entre si estas grandes arterias construir-se-ão duas transversais norte-sul, uma de Lübeck, por Hamburgo, Hannover, Francfort, Carlsruhe, para Bâle e ligação com Milão; a outra de Stettin, Berlim, Nuremberg, até Munich e correspondência para Veneza. Finalmente uma outra diagonal ligará Hamburgo a Breslau, passando por Berlim.

A execução integral deste programa necessitará vários anos e a atribuição de importantes capitais, pois o preço de custo de um quilómetro de auto-estrada está calculado, pelo preço mínimo, em 300.000 marcos, ou seja aproximadamente dois mil e quinhentos contos. Os trabalhos prosseguem activamente e, em troços diferentes, estão já em via de construção cerca de mil quilómetros.

Estes projectos têm encontrado reflexo em varios outros países, principalmente em França, onde a imprensa reclama a urgencia da criação de algumas auto-estradas.

Em Portugal não temos, felizmente, que nos preocupar com intenções estratégicas, mas considerando as vantagens turísticas das

vias de comunicação deste genero, seria muito para desejar o traçado de uma auto-estrada que unisse o norte ao sul do país, passando pelos pontos de mais afamada beleza natural, ou pelos monumentos mais valiosos do nosso patrimonio artístico.





A VIANA DA MOTA. — Alguns dos seus antigos discípulos, amigos e admiradores do grande pianista Viana da Mota ofereceram-lhe um banquete de homenagem — pela passagem do seu aniversário natalício e comemorando os seus cinquenta anos de vida musical. A' roda do insigne artista sentou-se tudo quanto Lisboa conta de categoria no meio musical e artístico. Presidiu o sr. dr. Pereira Dias, director geral das Belas Artes, como representante do ministro da instrução que dava a direita a Viana da Mota, D. Maria Amélia Teixeira, dr. Júlio Dantas, sr.ª de Andersen e maestro Pedro Blanch, e a esquerda á sr.ª dr.ª Adelaide Felix, dr. Borges da Fonseca, consul geral do Brasil, D. Marina Demander Gabriel, A. Teixeira e D. Inez Viana da Mota, mãe do homenageado

OS BANQUETES DA QUINZENA



A FRANKLIN DE ALMEIDA LIMA. — Por ter sido nomeado encarregado de negócios do Brasil na Turquia deixou o cargo de secretário da embaixada daquele país em Lisboa o sr. dr. Frankim de Almeida Lima, que durante sete anos residiu entre nós. Os seus amigos ofereceram-lhe um almoço, que constituiu uma significativa manifestação de carinho, no qual se trocaram brindes amistosos, tendo sido elogiadas as qualidades de carácter do homenageado que soube sempre manifestar-se um devotado amigo de Portugal

AO DR. ANTÓNIO COSTA CABRAL. — Pela protecção feita durante a sua estadia em Berlim, como ministro de Portugal, aos bolseiros da Junta de Educação Nacional, foi oferecido ao sr. dr. António da Costa Cabral, um banquete organizado por um grupo dos seus amigos e admiradores. Assistiram os srs. drs. Vitor Hugo de Lemos, director da Faculdade de Ciências, Celestino da Costa, Caetano Beirão da Veiga, irmãos Mac-Bride Juvenal Paiva, Ramos de Paiva, Joaquim José de Barros e António Ilídio Teixeira de Vasconcelos, conde do Juncal e José dos Santos Pereira Júnior

O 3.º ANIVERSÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA NO PAÍS VIZINHO. — Comemorando esta data realizou-se um banquete organizado pela Juventud de Galicia e pelo Centro Espanhol, em colaboração com a Câmara Oficial de Comércio. Presidiu o encarregado de negócios, sr. D. Francisco Ramires Montesinhos, que dava a direita ao sr. Buenaventura Ferrer, á sr.ª de Montesinhos e ao sr. consul de Espanha, e á esquerda aos srs. presidente da Juventud de Galicia, á sr.ª de Martinez Orense e ao sr. coronel Ascensio. Noutros lugares sentavam-se as figuras mais gradas da colónia espanhola, acompanhadas por suas esposas



FLORES D'ALMA

Não há olhos que não se extasiem perante um botão de rosa que começa abrindo as suas pétalas para a vida.

Não há olfacto que não se delicie com o perfume perturbante dos rubros e frescos cravos de Julho de sociedade com um repolhudo mangerico.

As côres variegadas dos jardins são o encanto de nobres e plebeus, de piedosos e descrentes.

Uma flor é a comenda democrática que iguala pobres e ricos, uma comenda que a natureza concede sem que seja preciso manter empenhos, como para as dadas pelos homens, que nem sempre vão parar ao peito de quem mais as merece.

A natureza é realmente a grande justiça, na distribuição de penas e recompensas, e a suprema niveladora que abate montanhas de orgulho para as despenhar na terra rasa da humildade.

Mas há flores com mais olor e mais vistosas e deslumbrantes, em seus matizes e em suas formas, do que essas altivas rosas que crescem nos parques bem tratados acarinhadas por mãos solícitas de jardineiro ou mesmo do que as modestas florinhas dos campos, quer sejam as saudáveis papoilas, ondulando no meio dos trigais, quer o pálido malmequer, oráculo dos amantes, surgindo à mercê dos caprichos da sorte, por entre as ervinhas rasteiras de outeiros e valados.

Essas flores mimosas são aquelas que Tomaz Ribeiro, o poeta querido dos meus sonhos de criança, definiu assim no seu imortal poema:

As flores d'alma que se alteiam belas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Têm mais aroma e são mais formosas
Que as pobres rosas no jardim cativas.

Mas estas flores nem tôda a gente as vê e pouca gente as entende.

Nascidas na alma, elas têm também uma alma sua e só com olhos da alma se apercebem.

A sua beleza é tal que deslumbra os fracos de entendimento, como a luz do sol cega essas aves agoirentas que só vêem no escuro da noite.

Infelizes d'esses pobres mortais que passam pelo mundo sem nunca terem sentido brotar em seu coração uma flor de sentimento puro e nobre.

Entre a nossa flora espiritual avulta, pela sua casta beleza, a caridade.

Há gente que confunde essa virtude com a vaidade de dar, de mostrar aos outros que distribue dos seus sobejos aos desherdados da fortuna e, por isso, busca intermediários para os seus benefícios, para que eles lhes sirvam de tuba anunciadora dos seus feitos.

Não compreendem que ainda a melhor forma de fazer o bem é fazê-lo de mão a mão. É ver com seus próprios olhos a miséria e socorrê-la, no seu poiso, sem intervenção de mais ninguém.

Felizmente que existem ainda criaturas que conhecem a fundo a arte de bem-fazer.

Está neste caso, de tão surpreendente encanto, um empregado superior do Banco de Espanha que todos os meses distribue aos pobres de Madrid a maior parte do seu ordenado.

Há muitos anos que este homem só tira dos seus proventos o indispensável para a sua manutenção, e dá o resto aos necessitados.

Pelas ruas, no percurso de casa para o emprego, vai distribuindo o seu óbulo aos seus irmãos infelizes.

Pelo seu percurso amontoam-se os filhos da desgraça, estendendo-lhe as mãos àvidas da moeda que vai matar-lhes a fome ou dar-lhes a manta que háde cobrir o corpo enfezadito dos seus filhinhos.

Velhos batidos pelos vendáveis da vida, tendo nos rostos engelhados as cicatrizes de tôdas as dores, criancinhas semi-núas, de lábios descorados, já esperam anciadamente a hora da passagem do benfeitor, e mal o seu vulto ao longe avistam começam sentindo a suave alegria de saber que não foram esquecidos ainda desta vez.

E nunca o serão, enquanto êle vivo for, porque a tempera de tal homem é de ceder apenas a um obstáculo — a morte.

A recompensa tem-na êle, no seu próprio acto. Saber que nesse dia há pão em muitas mesas, que a mãe desventurada tem mais um "biberon," cheiozinho de leite para calar os gemidos da boquilha adorada do seu bebé, que em vão procura no seu mirrado seio a gota do precioso nectar da vida.

Quanto mais não vale este prazer de ver nos olhos dos seus protegidos a luz divina da gratidão, de consolar directamente os corações maguados, do que os elogios berrados pelos jornais sem sabermos a que mão foi parar a nossa esmola, e sem ouvirmos o riso cantante das crianças, festejando o nosso pedaço de pão!

Flores de alma! Pobres florzitas, tão delicadas e frágeis que um sopro desfolha.

Como seria bom que todos soubessem compreender o que de grande e de sublime existe na vossa essência e como sois mais belas quanto mais no fundo do nosso ser penetram as vossas raízes.

No jardim oculto que cada um de nós tem no peito, cultivemos com cuidado as nossas flores e não o deixemos invadir pelos cardos daninhos do egoísmo e da maldade.

Mercêdes Blasco.





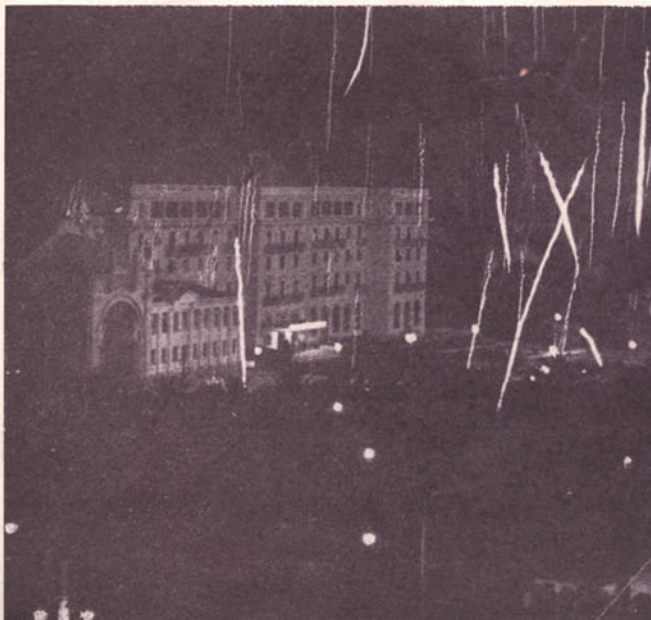
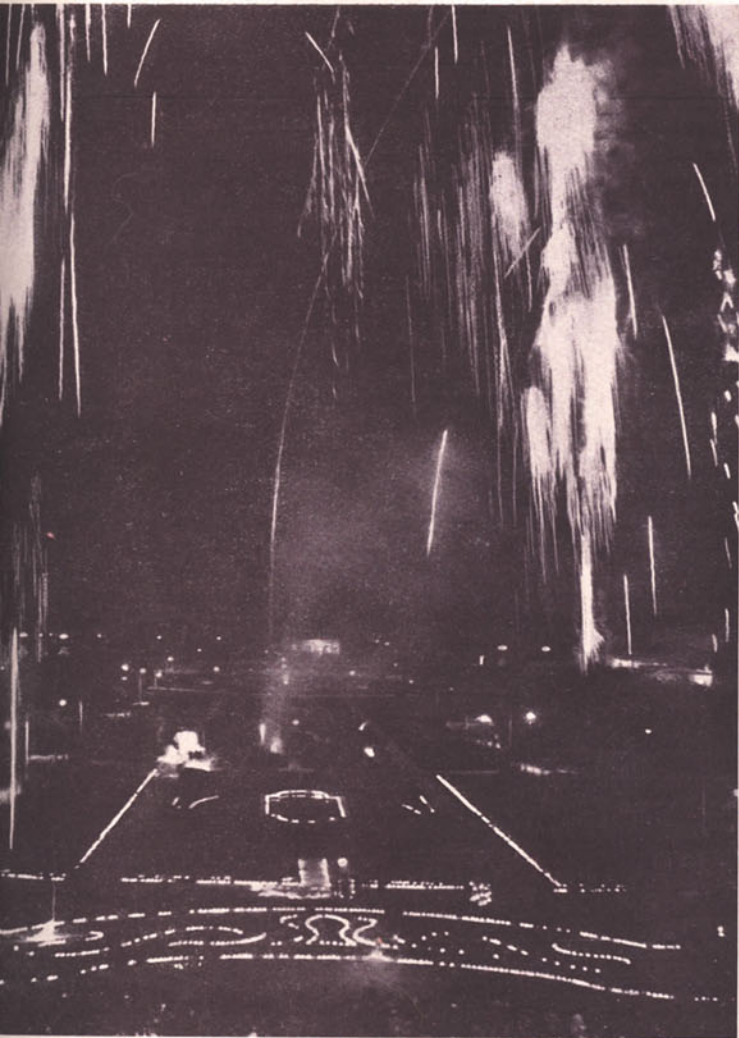
A Festa Portuguesa no Parque-Estoril

O Estoril — conhecido no estrangeiro como sendo a sala de visitas de Portugal — teve na noite de 15 de Abril uma concorrência desusada.

O parque encheu-se completamente dum público especial, aristocrático, de elite. Realisá-va-se uma Festa Portuguesa, com arraial, descantes e bailados regionais, iluminações, fogos de artifício e passagem de gado bravo. No Estoril os programas das festas revestem-se sempre de grandeza e brilhantismo. O festival nocturno, além de ter constituído, como espectáculo, um acontecimento ruidoso, foi, ao mesmo tempo, um belo esforço de propaganda do nosso país, do seu folclore, dos seus costumes e das suas belezas, merece até, a sua organização, todo o louvor. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol nunca se poupa nestas iniciativas. Apesar das grandes despesas que faz, não olha ao lucro mas sim, procura cumprir o dever de mostrar á colónia estrangeira as lindas coisas portuguesas.

A iluminação do parque obedecendo ás características do arraial português, foi artisticamente disposta por Augusto Pina, que, foi, de resto, o criador e realisador de tão encantador programa. Felicíssima foi a sua ideia, e original, de dar como remate da festa uma passagem de touros bravos. E eram touros bravos a valer, porque em nenhum detalhe da festa se quiz faltar ao que se anunciava. Augusto Pina marcou mais uma vez a sua personalidade artística de grande organisador. O público assistiu, antes, com grandes aplausos ás exhibições dos ranchos regionais, que os estrangeiros também apreciaram muito, nas suas garridas indumentárias e nas suas curiosas danças e cantares. O fogo de artifício também não foi um fogo banal; foi uma demorada sucessão de peças lindíssimas e variadas, entrecortadas por outras de grandiosos efeitos.

O suntuoso Casino esteve animadíssimo em toda a noite. Dançou-se com entusiasmo e comentou-se com elogio rasgado o colossal êxito do festival.



O padrão sagrado da conquista de Sevilha

com o auxílio de tal gente, lhe assegurava o triunfo.

Debaixo de tão auspicioso augúrio, presto marchou o Rei Santo, a plantar o assédio sobre Sevilha, e não tardou que, pelo número e qualidade dos sitiantes, e pela forma

como êle rechaçava o inimigo, o mouro se convencesse de que, se não viesse em seu socorro, arдил ou tramoia que afastasse da sua beira, um tão agressivo adversário, êle não seria, por muito tempo, senhorio dessa formosa pérola andaluza.

Da traição se serviu; e, homem farçante e industrioso, ataviado de fingidos indumentos bélicos, foi enviado ao acampamento cristão, e aí, pedindo, como mensageiro de paz, para parlamentar com o Infante, na sua brazonada tenda de campanha, por esta forma lhe falou: — "Alteza! Não vos admireis de me vêrdes aqui; mas, por mim, e por outros almoxarifes que defendem a fortificada Almedina Sevillhana que, vosso Pai e Rei, está sitiando, vos venho dizer que estamos dispostos a dar-vos entrada, nas muralhas da cidade, pela porta principal que eu, desde há muito, me orgulho de, com honra e brio, saber vigiar e defender..."

... Não julgueis, Senhor, que aqui me vêdes a aleivar, com esta generosa proposta, por môr de almoeda de obulo ou de alvíçara, mas sim, tão sómente, pela razão de vêrmos que, êste horroroso cerco vem matando, dia a dia, de fome, de sede e de dôr, muitos inocentes filhos do Alah...

... Acreditai, que só isto me faz implorar, não unicamente, que aceiteis o que vos acabo de oferecer, como também de me determinardes o momento azado para a tua entrada, para que tudo se ordene e execute, como à tua real pessoa convem."

Argúto, como era, o Infante, logo a seguir de ter dado ao embusteiro, a pedida resposta, foi tomar conselho com os chefes portugueses, em quem reconhecia

"Espana Sagrada," e da "Monarchia Lusitana," um latínico parágrafo que lhe diz: — "Rex Sancius perrexit ad Hispalim cum exercitu suo, et intravit Trianam, antiqum urbem Sebilie, et dirupuit murus ejus, et depredatus est cam, anno Regni patris sui XLI."

Não obstante êste valioso documento nos afirmar, ter o Rei Sancho, ao dirigir-se, com o seu exército, para Hispália, depois de despedaçar suas muralhas, entrado e tomado Triana, burgo da antiga cidade de Sevilha, como também, Dominicó Abraão Bzovio, sábio polaco, que disseram ter-se ilustrado na Biblioteca do Vaticano, para mais engrandecer os anais de Baronio, haver declarado, como outros historiadores, ter êsse audacioso monarca, à testa de seus exércitos, expugnado o usurpador ismaelita, de muita comarca de aquê e de além do Guadiana, não foi só no reinado de Sancius, mas também no de Alfonsus, que os portugueses, praticaram uma tamanha e atrevida proeza.

Quando, por essas datas de guerra ao Islam, na Andaluzia, não se ouvia mais do que eco sonoro do tilintar das espadas, das lanças e dos alfanges, e Castela só pensava em dilatar os seus domínios para o sul, enviou Afonso III, de Portugal, a seu primo Fernando III, de Espanha, um rijo contingente de adestradas tropas, superiormente comandadas pelos intemeratos freires, D. Paio Peres Correia e D. Martim Fernandes, que levavam também, alistados nos terços dos Cavaleiros do Templo, o Infante D. Fernando, Senhor de Serpa, e os ilustríssimos fidalgos D. Estevão Pires Tavares e D. Pedro Gomes.

Logo de entrada, aprouve aos nossos cometer acção estrondosa, e, para isso, havendo, de avanço, o sarraceno, ocupado, por numerosas fôrças, sob os ordens do temido rei de Niebla, Abem Hamafam, tôdas as passagens do Rio Guadalquivir, atropelando perigos sem conta, aos repe-lões, levaram o inimigo a abandonar essa primeira importante posição, para, a seguir, sem formar campo nem abrir trincheira, tomar-lhe, de assalto, a formidável Praça de Gelves, que se constituía a mais forte e principal defesa de Sevilha.

Só depois, tintos de sangue e cobertos de poeira, levando, à frente, os gloriosos estandartes das Quinas, e, à testa, os seus dois ousados capitães, é que, marchando ao som estridente dos clarins de guerra, os vitoriosos esquadrões portugueses se foram apresentar ao Rei Fernando, que, rodeado de sua vistosa gente de armas, os recebeu alegre, por ver, nos laureis das suas viseiras, o signo de que, Marte,



A Giralda — Alminar mouro dos tempos dos Almoades

QUEM, nas velhas táboas geográficas de Abraão Ortélio ou de Mercatoris, consulte a Península Ibérica, enxerga, no centro do anterior reino mouro de Sevilha, cercada pelos domínios dos agarenos Senhores de Córdova, Jaen e Granada, e dos Reis de Portugal e dos Algarves, a flamante cidadela hispaliense, que, os valorosos portugueses ajudaram a conquistar à gente mauritana, e que, então, se encontrava fortemente cinturada de ameidas muralhas, servidas de quinze bem defendidas portas, e flanqueadas por cento e dezasseis altas tôres atalaias.

E, todo aquele que, pelos antigos Tombo, rebusque factos notáveis da nossa brilhante História, encontrará nos preciosos volumes do "Cronicon Lusitano," da



D. Paio Peres Correia



D. Afonso III

discernimento igual ao seu muito valor, sendo todos de opinião de que, a tentadora oferta não passava de uma grosseira armadilha para capturar o Príncipe, e depois, exigir do Rei, como resgate do filho, o levantamento do cerco de Sevilha, acrescentando, também, que não se deveria perder essa boa ocasião, para se dar uma lição mestra, aos farçantes mouros, ficando, por fim, assente, comparecer o Infante, no escolhido local, bem perto do qual se achariam emboscados os portugueses, que agiriam conforme se apresentassem os designios do inimigo.

O aprazado dia chegou, e, ao verem, os nossos sair de tropel, pela determinada porta, numerosas forças, com o bem visível intuito de aprisionarem o Infante e a sua escolta, saíram, como feras acossadas, dos ocultos esconderijos em que se encontravam, e, depois de uma encarniçada luta de que sómente escapou da espada lusa, aquele



Cristóvão Colombo

que, com a fuga, sabia desertar, mais uma vez se viu triunfar as armas portuguesas. E, o falsário embusteiro que, com o traiçoeiro ardid, dera ensejo a tão alto feito, aprisionado na luta, pagou com a cabeça, o crime da sua perfídia.

Bastante se desconcertou o mahometano, com esta formidável derrota, e tanto que, ao raiar o memorável dia de 19 de Novembro de 1248, se viu o Rei Fernando, cavalgando, magestoso, à frente dos triunfantes batalhadores de Espanha e de Portugal, ir, solenemente, tomar posse dessa mimosa flôr da Andaluzia.

Nesse momento inesquecível, soube o Rei Santo ser grato e justo para com os portugueses, pois, reza a história dessa conquista, que êle, pelos relevantes serviços prestados durante êsse difícil cerco, nomeou o Mestre de Aviz, D. Martinho Fernandes, Governador da Praça conquistada, e a D. Paio Peres Correia, que igualmente o houvera servido na tomada dos Reinos de Jaen e de Múrcia, o elegeu Grão Mestre de Santiago, augmentando, com a gratificação

correspondente, as rendas dessa sua respeitável Ordem.

A perpetuar tão histórica data, encontra-se nesses castiços logares, a famosa Catedral Metropolitana, coração vibrante de tôda a "saleirosa" Sevilha.

Após haverem abatido as ímpias bandeiras agarenas, disseram aqueles vitoriosos conquistadores:—"Hagamos una iglesia tan grande, que nos venideros que la vieren, nos tengan por locos."—E, assim, erigiram tão assombrosa maravilha!

Num dos ângulos dêste magnífico templo, ainda vemos, dessas épocas sarracenas, a famigerada tôrre, antigo alminar árabe, engenhado pelo mouro sevilhano, Gueber Aben, célebre matemático, aperfeiçoador da algebre, a que, a figura rematante da Fé, girando, incessantemente, aos quatro ventos, deu o nome de Giralda, sob o qual é conhecida em todo o mundo.

Não obstante a sua elevada altura, a subida, feita por bem engendradas rampas, servidas por cómodos patamares, torna-se de tão fácil acesso, que se conta, ter sido efectuada, no ano de 1400, a sua ascensão, pelos gentis-homens da côrte, montados em fogosos ginetes, que acompanhavam Henrique III, quando êste soberano ali foi assistir à solene colocação do primeiro relógio fabricado em Espanha.

Esta sabranceira tôrre, de cujos terraços, a vista disrutada, convence a crêr que, "quem não viu Sevilha, não viu maravilha", não é a única coisa que resta da antiga Mesquita erecta pelos reis mouros Insuf e Iacub-Almansur, pois teem a mesma origem, o arabesco "Pateo de los Naranjos," e as amouriscadas portas do Lagarto e do Perdão.

A parte de procedência cristã, dêste soberbo edificio que, exteriormente, balisaram com colunelos que foram pertença de edificações romanas de Sevilha e de Itália, é de tal grandeza e magestade, que bem merece o ser reputada como um dos mais admiráveis monumentos do Universo.

A suportar os cento e quatro arcos, em que se apoiam as setenta e nove abóbadas, estão os altíssimos trinta e dois pilares e os vinte e dois meios pilares, que sustentam a pesada mole do seu descomunal arcoaboiço. É nesta magnificante Catedral, onde vemos o gótico casar-se, deliciosamente com a renascença, que se patenteiam, a par dos refulgentes paramentos que adornam as trinta e sete capelas, e do seu enormíssimo tesouro arrecadado, as obras geniais dos celebrados mestres da pintura castelhana, como: Zurbaran, Cano, Valdezes, Greco, Murillo, Herrera, Goya, Murales e Ruelas, a que, a luz, coada pelos policromados vitrais dos seus oitenta janelões, adqui-



D. Afonso, o Sábio

(Fac-símile de gravado coevo do rei de Castella, salvo pelos portugueses na conquista de Sevilha).

rindo uma suave tonalidade violácea, empresta um místico encanto que, mais se acentua, quando, pelas suas ogivais naves, ecoam os melodiosos sons do seu custoso órgão de cinco mil tubos e cento e dez registos que, gente dos passados tempos de Fernando VII, dizia superar o outro, tão famoso, de Harlem!

Embora, tanta coisa singular se veja nêsse excelso logar de Deus, nada há, por certo, mais digno de suspender o passo do contemplativo mortal, do que o túmulo do audaz navegador Cristóvão Colombo, — discípulo dos nautas lusitanos — não porque essa original obra de Arturo Melida, tanto mereça, mas sim, por saber-se que ali repousa um assinalado vulto da História, que, em comunidade com os heróis do mar, de Portugal, contribuiu para que a Ibéria desse ao Mundo, a mais estupenda Epopeia Marítima.

E, bem andaram os castelhanos de antanho, sepultando-o em tão pomposo templo, pois, "a Castilla y Aragon, otro mundo dio Colon".

E. Raposo Botelho.



As armas de Sevilha



PELA segunda vez, reuniram-se há dias, em alegre e franca camaradagem, os antigos alunos do liceu da Lapa e do liceu de Pedro Nunes. Foi uma festa encantadora. Abraços prolongados entre homens que hoje ocupam as mais diversas posições sociais e militam nos mais variados campos políticos. Tudo ali se esqueceu. Só se recordaram os velhos tempos e tudo decorreu no meio de grande animação e mocidade. Cerca de duzentos antigos alunos cercaram a figura do reitor, sr. dr. Sá e Oliveira. Foi êle, por assim dizer, o homenageado. A sua obra estava ali bem patente: era aquela reunião.

Os antigos alunos, agrônomo Henrique Rocha, Pinto da Cruz e Alvaro de Andrade, procedendo à plantação da árvore, marco que ficará comemorando a reunião de 15 de Abril

À entrada do liceu de Pedro Nunes — ao alto da escadaria — lemos a seguinte saudação:

«O Dia dos Antigos — 15 de Abril de 1934. A vida não é apenas o dia que passa, é também o dia que passou. Os melhores dias que vós passastes, foram os dias da escola — que precederam a vossa entrada no turbilhão da vida.

«Se quereis achar uma hora de paz e recobrar fôrças morais, procurai reviver o dia da escola, esquecendo, de momento,

Os antigos alunos dos Liceus da Lapa e de Pedro Nunes

reuniram-se

numa festa de confraternização

as coisas que vos separam e recordando as que vos ligaram fraternalmente. O Liceu é sempre vosso. Sêde bem-vindos.»

Assim fomos recebidos. Assim nos esperavam os novos alunos do liceu normal — que sucedeu ao velho Liceu da Lapa.

Pouco a pouco, foram-se juntando no campo de jogos, as várias gerações que passaram pelas mãos do sr. dr. Sá e Oliveira. Durante vinte e oito anos êle conviveu com centenas de rapazes. Pois bem, o nosso antigo professor de latim, lá estava, recebendo-nos, como outróra nos esperava à esquina da rua do Sacramento à Lapa... lembrando-se, ainda dos nossos nomes... Para todos teve uma frase de recordação... um abraço fraternal...

Às dez horas — após uma rápida visita às dependências do liceu-modêlo, que julgamos ser um dos melhores estabelecimentos de ensino no seu género — começaram as festas. Houve dois desafios de «foot-ball». O primeiro, foi entre antigos alunos e os respectivos filhos, e o segundo entre «civis-veteranos» e «militares», tôdos também antigos alunos.

O grupo dos «antigos alunos-pais» era constituído por:

Dr. António Bustorff Silva (capitão), capitão Henrique Moura, dr. Carmo Santos, tenente Ramires, dr. Cezar Moniz Pereira, Emilio Pelen, capitão Henrique Rocha, 1.º tenente Otero Ferreira, José Duff Burnay, Carlos Moniz Pereira e Carlos Botelho.

Pelo dos «filhos» alinharam:

Antonio Rodrigues dos Santos (capitão), Benard Guedes, António Bustorff, Vilar I, Vilar II, José Lucena, Frederico Burnay, Augusto Machado Louro, Henrique Aragão Pinto, Duarte Manuel Almeida Belo e Felipe Magalhães Coutinho Guedes.

O arbitro foi Jorge Portugal e os juizes de linha foram os actuais alunos Sacramento Monteiro e Melo.

Escusado será dizer que os «filhos» venceram os «pais» por 3 a 1 e os «civis» foram batidos pelos «militares» por 2 a 1.

Os dois grupos de «foot-ball» que eram constituídos por antigos alunos civis e antigos alunos militares





Depois dum jogo da rosa, em que tomaram parte antigos militares, procedeu-se á plantação duma arvore. A reunião do dia quinze de Abril ficou assim marcada. A abertura da cova, realizada no meio de gargalhadas, foi feita pelos «veteranos» do Liceu da Lapa. Na haste ficou afixada uma placa onde se lê:

«Plantada pelos antigos alunos — 15 de Abril de 1934».

Terminada esta cerimónia efectuou-se a recepção ao sr. dr. Sá e Oliveira. Houve palmas e vivas. O sr. dr. Gonçalves Rebordão, presidente da Associação dos Antigos Alunos saudou o antigo reitor, elogiando a sua grande obra pedagógica e congratulou-se por vêr naquele edifício ainda a mesma disciplina e a mesma alegria que reinava há vinte anos... quando foi aluno. Disse que todos os rapazes que ali se matricularam desde 1905 e que hoje estão ocupando algumas das mais altas situações da vida nacional se sentem bem junto do homem de bem e de carácter, que lhes orientou os primeiros passos na vida. Estão ali para lhe fazer o protesto solene da sua gratidão pelos conselhos recebidos e pelos altos exemplos de honradês e civismo recebidos. O sr. dr. Rebordão recordou, por fim, êsses tempos que não voltam e abraçou o sr. dr. Sá e Oliveira em nome de todos os presentes.

Aspecto do gymnásio do Liceu de Pedro Nunes durante o almoço de confraternização dos antigos alunos daquele estabelecimento de ensino e do Liceu da Lapa

O sr. dr. Sá e Oliveira agradeceu a homenagem e disse que a maior glória

do liceu é juntar no mesmo pensamento todos os alunos, antigos e modernos.

Os jogadores do desafio entre antigos alunos e filhos destes, onde se veem algumas figuras muito conhecidas no nosso meio social

Depois duma prolongada salva de palmas, todos os presentes se dirigiram ao gymnásio, onde se efectuou o almoço de confraternização, que constituiu uma página da mais viva solidariedade. Grande animação decorreu durante a refeição que durou até às quatro horas da tarde.

Alguns nomes dos antigos alunos que se encontravam sentados á mesa:

Drs. Bustorff Silva, Braga Paixão, Cordeiro Malato, António e Francisco Assis de Brito, Boto de Carvalho, Saraiva Lima, Ayála Boto, Manuel de Assumpção, Gilberto Monteiro, Carmo Santos, Anibal Viola, Luiz Rebordão, Bernardo Vilar, Cesar Moniz Pereira, Luiz Barata, Granada Afonso, Maciel Chaves etc.

Oficiais de marinha e de exercito: Major-aviador Pinheiro Correia, major Frederico Vilar, capitães Henrique Rocha, João Eugenio, Fausto da Conceição, Ferreira da Silva, Pereira Dias, Homero Ferreira, comandantes Jaime Conceiro, Américo Rodrigues Tomaz, Newton da Fonseca, Junqueiro Rato, tenentes Otero Ferreira, Spinola, Sousa Mendes, Simões Vaz, etc.

Engenheiros Cancela de Abreu, Gonçalves Braga, Cincinato da Costa, Faria Bastos, Almeida e Casro, A. Korth, etc.

Raimundo Alves, Carlos Moniz Pereira, Torres de Carvalho, Carlos Botelho, José Duff Burnay, Peters Cunha, actor Assis Pacheco, Paulo Benard Guedes, Simões Muller, António Roquete, Alvaro de Andrade, etc., etc.





Jean Parker numa criação fantasista

POLA NEGRI, a «estrela» de estranha sedução cujos encantos resistem vitoriosamente ao

tempo, vai casar-se pela quarta vez. O pretendente é, desta vez, Harold Mac Cormick, cuja vasta experiência matrimonial pouco tem a invejar á de Pola. De facto, será o terceiro casamento de Mac Cormick que desposou, para depois se divorciar, uma filha de Rockefeller e a cantora russa Ganna Walska.

Por seu lado, Pola casou em primeiras núpcias com um oficial do Exército polaco, o barão Popper. Em seguida teve por marido o conde Domoki, a quem sucedeu o príncipe M'divani.

Com as recordações e experiências dessa vida agitada de grande amorosa, Pola Negri compôs um livro a que deu o título de «Minha Vida». Perpassam nas páginas dessa auto-biografia episódios da sua infância, descrição dos seus amores e casamentos e, como peça sensacional, a declaração de amor que lhe fez certo dia em Genebra um russo chamado Vladimiro Illitch e que o mundo conheceu pelo nome de Lenine.

Até que ponto são dignas de confiança as revelações da artista cinematográfica? Ninguém o pode dizer. A personalidade estranha de Lenine tem sido apresentada sob os mais diversos aspectos. E se por um lado se afigura inverosímil a ideia de Lenine apaixonado como qualquer colegial, por outro não é inadmissível que estes dois seres de excepção reunidos um momento pelo destino tenham sido fortemente atraídos um para o outro.

Em qualquer dos casos a cena é descrita com brilho e merece ser aqui resumida.

De passagem em Génova, Pola Negri frequentava um café-restaurant, onde se reuniam também até altas horas da noite numerosos exilados e estudantes russos. Certa noite ocorreu no café um estranho incidente que a artista relata do seguinte modo:

«Quando me estavam somando a conta, abriuse a porta e entrou um homem de 18 anos que se deixou cair na cadeira mais próxima. Trazia um casaco velho e a sua cara tinha tal aspecto

CINEMA

POLA NEGRI

ouviu uma declaração amorosa de Lenine?

de abatimento que só os olhos, muito azues, pareciam manter a chama da vida.

«O patrão, mais sombrio que nunca, serviu-lhe uma chávena de café. Tentou o desgraçado levá-la aos lábios mas deixou-a cair das mãos e fez-se em estilhas no chão. Segundos depois, teve um ligeiro sobressalto, e o seu corpo tombou inanimado no chão. A este ruído seguiu-se um silêncio angustioso. Um homem que estava a escrever numa mesa próxima da minha levantou-se e acudiu ao desconhecido. Estendeu-o sobre um banco, fez afastar os clientes que começavam a aproximar-se e a prodigalizar os seus conselhos. «É inútil — disse interrompendo-os secamente — já é demasiado tarde».

Houve um momento de horror. A patroa, abatida sobre a sua cadeira prorrumpiu em soluços. Os criados do café levaram o corpo imóvel depois de o ter coberto com uma manta. Todos retomaram os seus lugares comentando o caso em voz baixa. Presa duma grande emoção fiquei cravada no meu assento. De repente notei que estava chorando. O meu vizinho guardou os papéis que tinha espalhados sobre a sua mesa e veio sentar-se ao meu lado.

— Não chore por ele — disse-me em russo — Não há razão para chorá-lo. Já deixou de sofrer. Todas as suas dificuldades terminaram. A morte é muitas vezes mais clemente que a vida»

Conversaram assim durante algum tempo e á saída ele voltou-se para Pola e disse:

— Espero que voltaremos a ver-nos. Chamo-me Lenine.

De facto, Pola devia encontrar dias depois várias vezes o seu interlocutor. Com ele conversou contando-lhe os horrores que seu pai sofrira na Sibéria por lutar pela independência da Polónia. Diz que Lenine a escutava com benevolência e simpatia.

Certo dia, Lenine disse-lhe: «Há de chegar a ser uma grande artista, Pola. Terá gloria e fortuna. Por minha parte não posso afastar-me do caminho que tracei e que tem muitas probabilidades, verdade seja, de me conduzir á Sibéria, mais dia, menos dia, como aconteceu a seu pai. Mas ainda que disso tivesse a certeza, não quereria modificar absolutamente em nada a minha vida, as minhas ideias e a finalidade que persigo».

Pola escutava com enlévo a palavra dominadora e empolgante desse incomparável orador.

Chegou por fim o dia da separação. Pola ia partir de Genebra para prosseguir a sua *tourne* de artista modesta. Lenine foi despedir-se dela á estação e

no momento de dizerem adeus tomou-lhe as mãos e disse-lhe:

— Não tenho direito a querê-la, Pola. A si, tão jóvem e tão formosa que verá um dia o Mundo a seus pés, não posso oferecer outra coisa mais que desterro e pobreza. Você não deve ser para mim mais que um sonho que tenho o dever de esquecer. Talvez não tornemos a ver-nos, mas eu lembrar-me-ei sempre de si. Sei que não me ama, que nunca me amaria. Por isso só lhe peço uma coisa: algumas vezes, de tempos a tempos, recorde-se de mim»

Teria Lenine falado assim? Existirá esta fenda sentimental na estrutura de aço desse homem extraordinário? Quem o pode dizer?



Uma beladade dos corpos de figurantes da «Metro»

O ESTÁDIO NACIONAL

SERÁ EDIFICADO EM PEDROUÇOS ?

NÃO há ainda seis meses que o chefe do governo respondendo à mensagem que lhe fôra entregue pelos delegados do Congresso dos Clubes Desportivos, prometeu a construção, em Lisboa, de um Estádio Nacional. A promessa foi acolhida com grande júbilo pelo meio, pois correspondia a uma justificada e antiga aspiração, vindo preencher uma lacuna intolerável numa cidade moderna e da importância da nossa capital.

Começaram já os descrentes a duvidar da próxima execução do prometimento, estranhando um silêncio que se lhes afigurava de mau augúrio, quando oficialmente apareceu nomeada uma comissão encarregada de estudar as condições do projecto e indicar o lugar para assento da grandiosa arena. Em menos de dois meses os comissionados davam por concluído o seu trabalho, e o respectivo presidente, o sr. tenente-coronel Linhares de Lima, depositava nas mãos do sr. presidente do ministério o relatório cuidadosamente elaborado.

As linhas gerais do plano do futuro Estádio estão dentro daquilo que as necessidades desportivas requerem: um terreno relvado para prática do football e do rugby, cercado por uma pista em cinza para corridas e por uma outra em cimento, para ciclismo; nas dependências, vestiários, um ginásio, salão para esgrima, piscina, etc. Tribunas e acomodações para o público, previstos para alojar 30.000 pessoas, o que nos parece insuficiente para as grandes manifestações do desporto português.

Se fôr por diante, como tudo o indica,



A quinta do Alto do Duque, situada entre Pedrouços e as antigas portas de Algés, proposta pela comissão para ser adquirida a fim de nela se edificar o Estádio

a organização dos Jogos Ibéricos para inauguração do Estádio Nacional, pode garantir-se que, no dia do encontro de football, nem todos os aspirantes a espectadores poderão satisfazer o seu desejo, havendo quem fique na rua a contentar-se com o barulho dos mais felizes.

É evidente que a lotação indicada será excessiva até para as necessidades normais, mas não deve ser esse o princípio dominante no projecto, pois se torna indispensável construir para o futuro, e é lícito supôr que o incremento do desporto encontrará reflexo num constante progresso do número de espectadores.

Recordemos, a propósito, que há dez anos, quando se construíram as bancadas do campo atlético do Sporting, todos consideraram arrojada a iniciativa, afirmando-se que nunca seria possível reunir público bastante para as encher por completo. E, no entanto, são hoje insuficientes, como já o eram alguns anos atrás!

É absolutamente louvável o espírito de economia que presidiu a todas as decisões desta comissão de estudo, mas ponderemos também que certas economias

resultam mais tarde dispendiosas, ou inutilizam o aproveitamento conveniente dos sacrifícios impostos. O Estado Nacional deve comportar lotação suficiente para, amanhã, o pudermos utilizar para qualquer competição internacional de grande vulto. Reputamos cinquenta mil lugares indispensáveis.

Tendo percorrido vários terrenos da cidade, a comissão concluiu propondo para edificação do Estádio, a quinta do Alto do Duque, pertença da casa Cadaval, e situada entre Pedrouços e as antigas portas de Algés. Secundariamente indica outros locais, mas com nítida preferência pelo primeiro citado.

Não duvidamos das excelentes qualidades do terreno proposto, amplo, abrigado dos ventos, quasi plano, acessível por todos os lados e podendo aproveitar de vários meios de transporte. A competência e dedicação das pessoas que o escolheram é garantia suficiente de haverem sido salvaguardados todos os interesses, tomada a decisão com espírito de absoluta imparcialidade e ponderação.

Para o público desportivo foi, porém, uma desilusão, porque ninguém esperava fôsse indicado um terreno completamente desconhecido, e as preferências gerais se inclinavam para o lado oposto da cidade, sobretudo para o vasto recinto do Jockey Club, visinho do Campo Grande, e cujo terreno é propriedade da Câmara Municipal.

Punhamos de lado estas considerações, mais de ordem sentimental do que técnica, para reservar apenas o mais inteiro aplauso às primeiras provas materiais de execução rápida do Estádio ambicionado pelo desporto português, tão necessário para que lhe seja possível desempenhar a sua missão educativa e de propaganda do país.

Aqui ou além, será sempre o cenário magestoso das grandes manifestações de vida e saúde da nossa mocidade, o cadinho onde se preparem as novas gerações, robustas e activas, capazes de lutar e vencer para bem da Nação.

Salazar Carreira.



O terreno do Jockey Clube, ao Campo Grande, um dos preferidos pelo público, para a edificação do novo Estádio



O último retrato do mestre José Malhó, tirado quando da "exposição" da Exposição Nacional de Belas Artes em 1933.

Foi prestada nas Caldas da Rainha, no passado dia 28, uma significativa e útil homenagem à memória de mestre Malhó, o admirável pintor de "O Fado".

A inauguração do "Museu Malhó", representa a consagração justíssima duma das mais laboriosas carreiras de artista que se conhecem. E a sua utilidade é indiscutível porque tem por fim reunir uma parte da obra do grande pintor que se encontrava esparsa e perpetua assim a sua memória por intermédio dos trabalhos que as suas mãos inspiradas tocaram de beleza.

À custa dum esforço persistente e bem orientado, a comissão organizadora do museu conseguiu congregiar boas vontades e reunir num prazo de tempo notavelmente curto o valioso recheio das suas salas, constituído por mais de cento e cinquenta obras de arte. Louvores se lhe devem, pois, pelo meritório trabalho realizado.

Como é natural, Malhó está larga-

mente representado no novo museu. Os trabalhos expostos da sua autoria excedem trinta. Entre outros quadros notáveis do mestre contam-se «As promessas», «Rainha D. Leonor», «A sombra», «Conversa com o vizinho» e «Retrato de D. Laura Souvint». Há ainda dois magníficos autor-retratos, e uma bela série de desenhos, carvões, pastéis, estudos, etc.

O Museu de Arte Contemporânea, por proposta do seu director, mestre Sousa Lopes, aprovada pelo Conselho Superior de Belas Artes,

cedeu ao novo museu das Caldas da Rainha dois excelentes trabalhos de Columbano. Um deles é uma aguarela cheia de frescura e luminosidade que representa um trecho do parque das Caldas. O outro é um retrato a óleo da esposa do artista. Graças à iniciativa de Teixeira Lopes, Columbano fica assim dignamente representado junto de Malhó.

O grande pintor Carlos Reis concorreu também com a valiosa oferta do seu magnífico quadro «Louzã ao longe». E seus filhos, os ilustres artistas D. Maria Luiza Reis e João Reis, imitaram-no, enviando também trabalhos seus para figurarem na exposição.

Severo Portela Júnior ofereceu o seu vigoroso quadro «Os velhos». Carlos Neves, além dum valioso quadro seu, ofereceu um excelente estudo a pastel de Sousa Pinto. Alberto Lacerda ofereceu dois quadros, um dos quais, «A cobra

À MEMÓRIA O Museu que foi inaugurado nas Caldas reune cerca de 30 trabalhos

cega» é uma tela de grandes dimensões. Muitos outros artistas de renome ofereceram ao museu trabalhos seus, entre eles: D. Maria Adelaide Lima Cruz, Alberto de Sousa, Fausto Gonçalves, Paula Campos, Joaquim Costa, José Campas, Benvido Ceia, Domingos Rebelo, Leopoldo de Almeida, Ezequiel Pereira e Raul Xavier.

A acrescentar a isto há ainda o facto do grande escultor Teixeira Lopes e Francisco Franco trabalharem actualmente em duas estatuas que serão entregues logo que se encontrem terminadas.

A exiguidade de espaço com que os organizadores lutaram impediu por agora que fossem expostas algumas valiosas peças de cerâmica oferecidas ao museu e que só nas instalações definitivas poderão ocupar o lugar que merecem.

Foi muito lisonjeiramente apreciado o ante-projecto do edificio ao museu Malhó, da autoria do conhecido architecto, Paulino Montez. Para a construção desse edificio, que ficará situado num dos mais belos pontos do Parque e que deve estar concluído dentro de dois anos, recebeu já a comissão organizadora do museu dois donativos importantes: um de vinte mil, outro de mil escudos, ambos entregues sob o mais rigoroso anonimato.

Ainda para o mesmo fim foi entregue á comissão, pelo ilustre artista Jorge Colaço, um bellissimo painel de azulejos.

A cerimónia da inauguração decorreu com raro brilho e foi honrada com a presença do sr. ministro da Instrução. Feita-nos espaço para dar um relato completo do modo como Caldas da Rainha festejou o acontecimento e se associou à memoria do querido artista, o pintor mais representativo da nossa época, que ali teve o seu berço.

Queremos porem destacar entre os diversos números do programa a notável conferência "Ultimos dias de Malhó", que o eminente professor e crítico de arte dr. Manuel de Sousa Pinto proferiu

DUM ARTISTA

Malhó

no dia 28 de abril
da Rainha
do grande pintor português

na sala da popular associação caldense "O Montepio". Com sentida emoção e apurada elegância, o conferente evocou um delicado retrato íntimo do mestre, que ele conheceu através uma sólida amizade que durante muitos anos os uniu.

Não é esta a primeira vez que o dr. Manuel de Sousa Pinto se refere a mestre Malhó. Já numa conferência realizada quando da exposição de 1928, onde se reuniram cerca de 200 trabalhos do glorioso artista, aquêle ilustre crítico de arte definiu a obra do autor de «O Fado» na seguinte luminosa síntese:

«Pintor de instinto, aperfeiçoado por um aturdidissimo trabalho, que não tem hesitado ante as dificuldades maiores, a arte de Malhó — ha que reconhecê-lo — mergulha no âmago da terra as suas fundas raízes populares.

É, até agora, como valorizador de muitas cenas típicas do seu povo, uma das mais fortes predestinações pictóricas da sua Raça. É tambem o pintor português que menos deve aos estranhos.

Fez-se cá, e de cá é que a sua obra iria colhêr as mais altas distinções lá de fóra — até a Legião de Honra.

Se recebeu influências estranhas, por indirectas vias, depressa as sacudiu».

Na sua conferência de domingo passado, o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto voltou a evocar a figura forte e modesta do artista para pôr em relêvo a sua ânsia de viver que fez com que nunca pintasse um morto ou um ferido nem sequer um dos cemitérios de aldeia que na provincia completam a paisagem. Disse depois que a sua morte encontra um paralelo exacto na lenda mitológica das flautas de Pau que emmudeceram. Tambem os seus pinceis se calaram nêsse dia para a música rútila das côres, cujas harmonias êle conheceu como nenhum outro.

Para terminar, citaremos algumas palavras do mestre Carlos Reis, um dos maiores valores da Arte de Pintar, que constituem um autorizado elogio à obra do grande artista que foi José Malhó:

A última obra que Malhó concluiu: o quadro representando Nossa Senhora da Consolação e que está na ermida de Cado do Couce

«Bem facil seria para um pintor, que como eu, ama a sua terra, que se deslumbra perante o sol da sua terra, que busca a poesia dos costumes e da alma do povo da sua terra, falar dum grande mestre que amou, que se deslumbrou e que buscou para a sua obra tudo o que existe de Verdade e de Poesia na luz e na vida do nosso deslumbrante Portugal.

«Mas, poderei eu dizer tanto como a sua própria obra: consegue dizer a tódos que que a admiram?

«Certamente que não.

«Prefiro pois limitar-me a gritar bem alto a tódos os Portugueses, que é um dever nobre e elevado, de todos nós, colocar no mesmo altar onde se venera

Silva Pôrto o Grande, outro Grande que se chamou José Malhó».

Vem a propósito registrar que na véspera da inauguração do museu Malhó se realizou em Lisboa uma pequena cerimónia que é o mais um acto do culto sincero que tódos os portugueses continuam a votar à memória do glorioso pintor. No prédio do n.º 8 da Travessa do Rosário, onde José Malhó viveu alguns anos, foi descerrada uma lápida ali mandada colocar pela Camara Municipal de Lisboa.

A cerimónia, que decorreu com simplicidade, provocou grande affluência de publico entre o qual se destacavam individualidades de relevo do nosso meio literário e artistico.





Sábado, 29 Dia de sol; a população sai a arejar para avenidas e parques, ruidosa mas ordeira. Num boqueirão de rua lampejam por vezes cánticos: a Internacional ou a Marselhesa? É uma *gazza-ladra* qualquer, entoada por bando que vai a passar. Nas praças fortes, Toul, Verdun, Belfort, onde a vida está a salvo de surpresas, os mobilizados mandaram ir espóssas e amantes. A *Popote* instala-se à beira do canhão e, ao rescedor boémio, muita mulher tem voado de Paris.

Os asfaltos estão colhados de *graffiti*. Riscaram-nos as crianças na maior parte e um outro *rapin* ao desfastio. Representam, por via de regra, o imperador da Alemanha sob várias metamorfoses e aspectos. Geralmente em *cochon*, bicho de universal simbólica para o francês e, em particular, para o parisiense. Um porco coberto com a barretina de ponta e, por baixo, como nos quadros dos museus: *portrait du kaiser*. Esta figuração alterna com a da cara dura, bigodes em baioneta, sob idêntico capacete. No *Petit Luxembourg* encontrei um destes desenhos com o exergo: *prêtre de cracher*. E cuspiam-lhe em cima com devoção, com encarniçamento, a deitar os hofes pela boca. Sucede ainda pintarem o kaiser de toiro farpado por Poincaré, pelo czar ou por um japonês. Mas como o parisiense, em matéria talmática, só tem as noções que lhe fornece o bilhete postal e o cinema, os bandarilheiros parecem fazer salamaleques.

O bilhete postal rivaliza com semelhante iconografia patriótica. E até dali que transvasa o-

bre o passeio. O documentário, para o futuro, do estado de alma do povo, da sua compreensão da guerra, do mundo fantástico que lhe povoa a imaginativa é este. O kaiser assume nête todas as atitudes e sofre as exaltações mais abraçadabrantes; a levar no traseiro pontapé dos soldados; exposto no pelourinho com cordéis em volta como paio, rodeado por multidão a uivar, à Steinen; rojando-se aos pés dum galucho que, de braços cruzados, teatralmente lhe pergunta: — *Mais que ven-tu, kaiser? — Je feux une dardine* — responde o imperial bobo, querendo aludir ao rancho negro do exército alemão.

A música acompanha a obra de sarcasmo. O realtor volante estava feito para o amor, o ciúme, os cavaleiros da noite, a desgarrada ao sereno; não tinha alento épico e apagou-se na sombra. Surgiram violão, violino e canto. O trovador ressuscita Tirteu, celebrando a glória de repelir o «prussiano imundo» e a honra de morrer pela pátria. Às vezes é uma mulher de voz esganicada e de óculos pretos que arrasta pelo bairro a cantilena funérea. E tenho a impressão de que é a morte, chula e feia morte, não catalogada por Holbein, a ri-se dos que com ela, neste momento, em homenagem ao belo mito, vão rodopiando na grande dansa.

Cancão de marcha

Numa encruzilhada de rua e bulevar forma-se círculo em volta do menestrel e o côro ergue-se como labareda:

*Amis, faisons la chasse aux loups,
Puis qu'ils sortent de leurs tanières,
Et qu'ils viennent jusque chez nous
Semer le deuil et la misère.*

Não arrepiá a pele o calafrio heróico. É uma canção envolvente, no género do *Je vais m'asseoir à la porte*, lânguida e verde como ela.

A proclamação desesperada do novo governo foi recebida sem entusiasmo; Paris que não reage ao sabor da vontade oficial leu-a com fisionomia céptica ao tempo que saboreava o *Petit café au lait*. E, depois de a ter lido, girou inquietante à suas obrigações. Que por baixo deste ar de indiferença haja a sua febre e se estija a cozer moléstia, quem duvida! Aturdido sente-se que está em certas horas. Mas Paris não são apenas as pessoas; Paris são as pessoas, as coisas, as pedras dos templos e dos palácios, o Sena, as cinzas dos heróis e a sua memória, o concreto de hoje e o abstrato de sempre. Que se pode dizer de certo quanto a esta alma multicolor e secular?

Corre que os alemães estão para cá de Saint-Quentin. O êxodo de Paris acentua-se. O governo distribuiu bônus para quem quiser partir. Chama-se a isto limpar a praça das lócas intêites. A capital vai-se despoando, porque não há apenas o Paris de Paris. Há o Paris da Auvêrnia, da Gasconha, do Languedoc, de Portugal, do Bra-

É A GUERRA

assim se chama o novo livro de Aquilino Ribeiro

A literatura portuguesa sobre a guerra vai ser enriquecida nesta quinzena com obra de alto valor. Aquilino Ribeiro — o maior nome literário da sua geração — que habitava em França quando estalou a grande conflagração, vai dar-nos conta no seu novo livro «É a guerra» do que viu e ouviu na tão trágica conjuntura. O seu diário é dum terrível espectador. Há nête lágrimas, desesperos, heroísmos, beijos, pãdade, tudo o que o mundo trazia em acção e a pena do escritor, ávidamente, não deixa de notar. Talvez seja esta a obra mais máscuta e emotiva de Aquilino Ribeiro. São dêsse jornal sangrento as páginas que publicamos.

Domingo, 30 de Agosto. Dia cheio de torpor e pesadume; destes dias em que nos campos se ouve sarabandear sobre a flor das estevas o labor-dão das abelhas e parece uma orquestra; os lagartos estão tão pegados de sono à bôca do covil que se deixam matar sem dar conta; mosquitos viram e reviram, zunem e rufam-se; ramaria fresca dos côrregos; tórrido e silencioso, o ar parece de zinco; uma cigarra ensaia os élitros e logo suspende a musiqueta magoada; dia de sensibilidade emorrecida.



A CARMELITANA

gústia não se vê estampada nos rostos, mas sente-se; não trepidada na voz de quem nos fala e está de garras ferradas a desfiar o coração. Bem se cansam os jornais a prégar sangue faio! O inimigo está aí deitado... Dista apenas de Paris o espaço que vai de Lisboa a Santarem. Nunca Napoleão executou marcha mais fulminante, e assim irresistível, conduzida por Von Kluck com pulso de aço, não tem exemplo na história. Deixa de ser estulto concluir: sem a paragem em frente de Liege, os alemães seriam hoje senhores da França inteira e o exército francês estaria irreparavelmente desbaratado. Não era, pois, crassamente indecorosa a fanfarronada dos oficiais germânicos que esperavam, três dias depois da partida, estar a almoçar no Pré Catalan. Poderiam acaso tolgem o passo à serpente formidável as tropas francesas perplexas, desorientadas, rebatidas sobre as fortalezas de Este?

Silêncio. Nunca Paris assim esteve calado. Dir-se-ia que se entenderam todos para não falar, de ouvido na batalha. Na rua as pessoas seguem conversando baixinho; à porta

dos grandes prédios, profundos como abadias e barulhentos como feiras, classes e profissões celebram conciliábulos que nem sequer sussurram. Nem assembléias de surdos-mudos ou de gente conternada à beira dum esquite! Sobre a arca do peito de cada um pesa o fantasma que costuma apenas vir nos pesadelos. É de carne e ósso, voraz, sanguinário, sensual, despotico, queador de lanças e calcador de leis, e chama-se o vencedor.

Aqui ao lado, no 15 na *rue d'Alembert, blanchisserie de gros et fin*, chegou da batalha o dono. É homem de trinta e cinco anos, alto, magro, bigodeira farta e pendente. Porteiros, mercearias do bairro e engomadeiras juntam-se de fora da porta a mirá-lo. Está em mangas de camisa e não abre bôca. Mal repara para quem chega e lhe pergunta pela saúdnha. Cravou os olhos no chão com fixidez obsessa e dali não os tira. Apenas quebra a imobilidade para expectorar por terra e logo torna à rigidez de estátua. Escarra a miude e, sempre que o faz, a caverna do peito estreoleia-lhe com o rangido áspero do picar-cem-se como cordas, e uma onda de sangue percorre-lhe o rosto pálido.

As porteiiras contam *folias* da guerra; deitam cálculos; chegam até a fazer estratégia. O homem escuta sem pestanciar, como se acabasse de se erguer de longa doença em vez de vir da batalha. Ouvirá êle o que se diz à sua roda? Tem-se a sensação de que está longe a assistir a espectáculo que o empolga por completo. A lavadeira gorda e roliça, mas de gordura opada, vai e vem, fala e gesticula, tôda cacarejante de ternura e cuidado. Mas êle a nada se move, hirto, que não seja para cuspir, e ali está contra a parede, animado de movimentos certos, periódicos e esquemáticos de figura de guinhol.

Só ao cabo de longa hora lhe vi descerrar os lábios para responder ao filho da leiteira, rapazote taludo, nédio, de penugem no queixo, que decantava as excelências do canhão de 75: — *Mi, oui, oui, mais sil vous tombe sur la gueule un de ces obus qu'ils nous envoient plus gros que des fourneaux, si on vous trouve un morceau de chair, c'est un drôle de hasard. Qu'ils éclatent aux proximités et vous serez craché à 50, 50 mètres de là comme un fetus de paille. Vous pouvez me croire* Foi quanto lhe ouvi, pregando de todo os lábios enquanto em torno a colmeia humana zumbia. A lavadeira explicava e tornava a explicar porque haviam licenciado o seu homem: uma fluxta de peito ganha no dias de chuva.

— Como êle há muitos — acrescentava. — Uns morrem das balas, outros de enfermidade ganha nas marchas e contramarchas, agora debaixo de chuva a potes, logo debaixo do sol destemperado. Do activo e reservas não torna cá um!

As ruas com muito movimento, mas abafadas pelo silêncio e a calmaria. Por volta das



Fugindo a guerra

três desaba sobre Paris uma caloração de vulcão. Não se descortina o sol e o céu é uma chapla de ferro de tons azulados, na fase imediata ao rubro ardente; não bole fôlha. Já se não ouve o pregão estridulo dos *camelots*; foram proibidas as segundas edições; os jornais da noite ficaram senhores do campo.

Às 7 da tarde, ao desembocar do metropolitano, encontrei a Praça Denfert-Rochereau em reboliço, ajuntamentos na rua, logístas em mangas de camisa às portas, gente pelas janelas. Estavam de nariz no ar e levantavam os punhos ao céu. Julguei que se tratasse de espíã caçado em alguma mansarda.

— Bandido!
— Morcego das cloacas!
— Alma de cão, não ter eu uma espingarda!
Aproxime-me: um aerop'ano passava por cima de nós, cortando o *Petit-Montreuge*, altaneiro e veloz.

— Mas é um biplano trancês — emiti ao acaso.
— Pode muito bem ser — respondeu-me o funileiro da rua. — Não sabe que hoje, perto do meio-dia, um aeroplano alemão lançou bombas sobre Paris? Cairam na *rue des Vinaigriers*.

Não tinha lido as gazetas, vindo a verificar depois que era exacto o que o homem dizia. Um taube lançara a sua bomba com bandeira alemã e um ultimatum à cidade para que se rendesse. Em despeito da nenhuma importância que os jornais deram à façanha, o efeito foi tremendo. Paris chamã bandidos aos aviões que atravessam no horizonte, ainda que não esteja



A escola dos fúrios



Retirando deante da invasão

certo de que são *boches*. O taube veio exacerbar a emoção pública. Muita gente haverá que esta noite não durma com medo dos zepelins que semearam em Antuérpia o espanto e a morte. Paris, em matéria de pânico, está no minuto da extrema união. As porteiras, rainhas de Paris, perderam o riso. Já se não deixam iludir com o chuveiro de cartas, que publicam os jornais, compostas ao seu gosto e estilo. Desconfiam que são fabricadas letra a letra nas redações. Tinha também que acabar tão mirífica literatura, uma vez que os soldados não poderão doravante senão escrever em bilhete postal. Essas cândidas missivas, à *Francine chérie*, de *Gaston amant à la vie*, à *la mort*; *du petit caporal à la petite mamã*; *du luro à sa gigolette*, eram como um frasquinho de saís para a gente da retaguarda, fraca do coração; marcaram um instante; faziam parte daquilo que o *Temps* chama a sexta arma, prosa e verso, livro e folheto, jornal e revista, tóda a sorte de palavra escrita e tóda a sorte de palavra falada, em fogo de salva contra os bárbaros. Algumas batalhas já êle ganhou. Se estivesse ao alcãncê da sua acção, ganhá-las-ia todás.

Começam a lançar raízes nos espíritos as palavras agoirentas e sibilinas do ministro da Austria proferidas antes de partir: *Pauvre Paris, quel sort sera le tien!* Nesse momento os jornais fartaram-se de chasquear do Ezequiel de luneta de ouro.

Sabado, 5 de Setembro. Enquanto a cõrte republicana entretem os ócios da Gironda, bebendo os vinhos velhos da região, pescando à linha e apostrofando a besta de Joffre, na segurança que lhe dão os oitocentos quilómetros de distância do teatro das operações, às portas de Paris os paralelepipedos erguem-se para a defesa. Semelhante ao esvaziamento pausado e sem bulha de grande açude, depois ruidosa e atropelante cambulhada das primeiras águas, assim Paris agora se vai escoando lenta, brandamente, noite e dia, sem parar. O Paris da província retira para a província: o Paris rico para a *Côte d'Azur*, a Espanha, a Itália. Não vai para a lua porque não vendem para lá bilhetes. Foragidos desta espécie, no dizer da autoridade, *suient la peur. Ils s'en vont affolés, hurlant leur frousse qui s'épand dans leurs chausses, en prédisant à ceux qui restent les plus terribles catastrophes.*

Fogem e para os dirigentes é vil; porventura são egrégios patriotas, dos que mais atçaram em tempo de paz aos ódios de nação para nação. Egoístas, devem olhar com soberana indiferença os sacrifícios que não bulam com êles e todos acham bem que o mundo continue como dantes, conservando-lhes privilégios e coneziás. À parte faceta tão desairosa, que sentimento há mais

humano que o medo? Não é uma das lógicas vibrações da lei de conservação do individuo e da espécie? O homem de hoje representa a vitória da vontade sobre o instinto, quando não o mérito seria daqueles que melhor soubessem fugir à morte e, implicitamente, ao fragor e riscos das batalhas. Aqui está porque em minha consciência absolvo e compreendo os que fogem, os cobardes, os tibios de ânimo porque êsses são os justos à face dos mandamentos eternos da natureza.

O Bairro Latino está deserto; desertos os grandes bulevares; êrmo, a afogar a gente em tédio, sorte *d'engloutissement* em silêncio e imobilidade, o opulento e enorme bairro da Estréla. Perduram gulhentas e invariáveis as colmeias imensas da ralé, Belleville, Ménilmontant, Grenelle, Montrouge, coalhadas de mulheres, de velhos e de crianças, pois os homens válidos andam regando com sangue a vinha do Senhor.

Paris, assim rarefacto, tornou-se uma delícia. Não há automoveis, nem *autobus*, nem Parlamento, nem conferências de sábios e sessões da Academia, e há, Deus me perdoe a lambareirice em momento de tanta lágrima, há mulheres. É regime para voluptuosos e cansados da civilização.

Segunda feira, 21 de Setembro. Desde o dia 14 que os alemães bombardeiam encarniçadamente Reims.

Acrescentam os comunicados que a catedral, jóia das jóias, gótico puríssimo, está em chamas, inflamável havia o andaime de madeira que revestia a torre Norte, a talha que deitava a umas tantas carradas, e o palhuço estendido nas lajes para os feridos alemães. Apesar disso, não concebe a minha imaginação o que seja uma floresta de pedra a arder. O fogo calcinou certas estátuas e reduziu outras a blocos informes. Por sua vez, a metralha atirou abaixo com o campanário do Anjo, escaqueirou a grande rosácea e nas ogivas do pórtico principal cuspiu fóra, mutilou, subverteu a exorável população do Senhor. Aqui está o crime inaudito, o maior da guerra até à data.

Pouco me importa que o canhoneio não tenha outro motivo

Foi aqui a nossa casa...

que *le seul plaisir de détruire*, como consta do protesto francês enviado às potências por via diplomática; ou que a basilica, situada na zona batida pela artilharia, fôsse atingida, de princípio involuntariamente, depois, de caso pensado, porque os franceses tenham instalado nas torres um pósto de observação.

Nenhuma razão obsove de semelhante enormidade. Tiro ao alvo, gosto sádico de vandalizar, necessidade estratégica dão o mesmo. Intencional ou à sobre-posse, a tarefa queda sempre abominável. É basta que essa contingência tenha sido possível para, implicitamente, estar lavrada a condenação da mecânica político-militar que a provocou.

Em verdade ao espírito repugna uma causa, por muito suprema que seja, mercê da qual se produza em poucos dias ou horas o aniquilamento da obra cuja construção levou duzentos e cinquenta anos de labor ininterrupto, em génio e vontade mais assombrosa que o mais assombroso trecho de montanha, vale, bosque, cascata. Memorável por ser a ara santa em que iam jurar os reis de França, a catedral de Reims era um oásis de divina beleza à flor da terra, em geral feia e repulsiva. De-certo, porque a arquitetura acompanha a humanidade desde o seu alvorecer, não há arte que exerça impressão mais imediata e profunda. Nenhum homem, desde a inteligência mais rude à mais requintada, desde o coração mais frio ao mais sensível, ficava indiferente ao sortilégio da Sé veneranda. Além de pacificar, transportava a alma para fora dos limites angustiosos do horizonte de todos os dias. Era a mediadora entre a terra e o céu. Destruí-la é como apagar um fonal no mar escuro. Dos malefícios de que é objecto não torno, em minha consciência, responsável a Alemanha ou a França, mas o espírito imundo que gerou a guerra.

Aquilino Ribeiro.

(Desenhos de Steinlen).



Doutor Allison Peers



ESTEVE em Lisboa, durante alguns dias, o ilustre catedrático da Universidade de Liverpool, sr. dr. Edgar Allison Peers. Veio tratar, junto das entidades oficiais, da criação duma cadeira de estudos portugueses naquele estabelecimento de ensino. É seu projecto, ainda, estabelecer uma escola de férias em Coimbra. Teve conferências com os srs. ministros das finanças e da instrução e com os directores da Junta de Educação Nacional.

Actor Henrique Alves



FALLEceu a semana passada o actor Henrique Alves, uma das melhores figuras teatrais dos últimos tempos e dos que marcou um lugar na sua geração. Foi intérprete de mais de trezentas peças tendo abordado todos os géneros: comédia, drama, opereta e revista. O seu funeral constituiu uma sentida manifestação de saudades, tendo-se incorporado nele tudo quanto em teatro com ele lidou. Trabalhou incessantemente durante 26 anos tendo representado, pela última vez, no Teatro Apolo, na temporada de Carnaval. Henrique Alves pertenceu à pleiade ilustre de artistas de há trinta anos, contrastando com os grandes mestres: Lucinda Simões, Augusto e João Rosa, Brazão, Chabi Pinheiro, Ferreira da Silva e outros. No cemitério falaram: em nome dos seus amigos, o sr. Matos Sequeira, comissário do governo junto do Teatro Nacional e Rafael Marques, em nome dos artistas.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Doutor Jorge Monjardino



TOMOU posse, a semana passada, do cargo de professor auxiliar de cirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa o eminente clínico sr. dr. Jorge Monjardino, que fez concurso de provas publicas há meses. O novo catedrático, que fez parte do C. E. P. onde foi condecorado com as cruces de Guerra de Portugal e de França e que foi assistente de Clínica Cirúrgica em 1911 esteve largos anos no Brasil. Ali foi orientador técnico da construção do Hospital Visconde de Moraes e presidente da Obra de Assistência dos Portuguezes Desamparados do Rio de Janeiro, quando da construção do Dispensário, onde prestou relevantes serviços. Desde 1931 que é chefe da clinica do Serviço de Gynecologia da Maternidade Alfredo da Costa.

A reunião anual dos aviadores



OS aviadores portugueses que primeiro obtiveram *brevets* de pilotos reuniram-se num banquete de confraternização. Assistiram os srs. coroneis Cifka Duarte e Norberto Guimarães e majores António Maia e Carlos Beja. Na mesa havia lugares para os comandantes Sacadura Cabral e Caseiro, major Santos Leite e capitães Monteiro Torres e Salgueiro Valente.

Na Legação de Portugal em Estocolmo

O ministro de Portugal em Estocolmo, sr. dr. Tomaz Ribeiro de Melo e sua esposa, ofereceram no palácio da Legação no dia 4 de Abril, um banquete em honra do primeiro marechal da corte da Suecia, barão Rudbeck. Entre os convidados encontravam-se o secretario geral do ministerio dos estrangeiros, barão Hamilton, ministro de Espanha, D. Alfonso Fisovitz, antigo conselheiro da legação em Lisboa, e a senhora de Graça Aranha, portuguesa, esposa do encarregado de negocios do Brasil.

D. Amália Proença Norte



COM o título de «Em Portugal e África» publicou a sr.ª D. Amália Proença Norte um romance colonial que está obtendo grande êxito e que a critica literária está recebendo com rasgados elogios. Pela sua leitura — onde há páginas de real interesse — fica-se reconhecendo na distinta escritora invulgares qualidades de romancista, e de observadora. O diálogo é simples e corrente dando leveza ao tema que se desenrola em terras da metrópole e africanas. «Em Portugal e África» é um livro de raro encanto espiritual. Em todo êle ha um fio romântico que se desenvolve num ambiente de virtude, cultura e dedicação. Nas suas páginas ha fortes e empolgantes descrições de paisagens africanas. Narra-se o heroismo dos nossos guerreiros e o esforço dos portugueses no sul de Moçambique.

Gomes Monteiro



O periodo agitado que precedeu na Rússia a queda do tsar, dominado pela figura de Rasputine, o monge, libidinoso e sinistro, serviu a Gomes Monteiro para fundo do seu novo trabalho, «A dama do seio mutilado». O ilustre autor da «Inocência de Urbino de Freitas» põe neste livro mais uma vez à prova as suas qualidades de investigador consciencioso, dando-nos através duma acção empolgante, uma documentada narrativa histórica da época sombria de Nicolau III.





O chefe do governo visitou oficialmente a capital do norte

PELA primeira vez, após seis anos de governo, visitou oficialmente, a capital do norte, o sr. dr. Oliveira Salazar. Fazia-se acompanhar pelos ministros do Interior e das Obras Públicas e pelo sub-secretário de Estado das Corporações e Previdência. O sr presidente do conselho foi aclamado. A recepção na Bolsa — cuja fotografia publicamos acima — foi concorridíssima. O amplo recinto estava apinhado. Pronunciaram-se patrióticos discursos. Depois da cerimónia da colocação da primeira pedra dos Bairros Económicos e do banquete, realizou-se o «sarau» no Palácio da Bolsa, que decorreu animadamente. Damos abaixo um soberbo aspecto que oferecia o salão árabe durante o baile.



O BAILE ANUAL

dos empregados
da Companhia dos Telefones



Nos salões anexos ao Automóvel Clube de Portugal realizou-se o mês passado o baile anual dos empregados da Companhia dos Telefones, organizado por uma comissão, presidida pelo sr. W. G. T. Poppe, administrador geral. Publicamos vários aspectos do baile, vendo-se, na gravura do centro da página, os componentes da comissão: sentados, da esquerda para a direita: Maria Teresa de Carvalho, Aurora de Oliveira, Efigenia Pedrosa, Aline



de Aguiar, Alexandrina Fonseca, W. G. T. Poppe (administrador) Maria Helena Prata, Natália Cavaco, Berta de Andrade, Zily Martins, Margarida Dias, e de pé: José O'Neill, Eurico de Castro Neves, Carlos Gameiro, Tito Matos, Joaquim Sampaio Júnior, Alfredo Leal, J. C. Mitchell, Oscar Ferreira, Gustavo Pinheiro Chagas, W. Albert Loweth, Francisco Vilar, Francisco Santos, Luiz Aguiar, Constantino Morais, Vicente Soares, Joaquim Salgueiro, Jaime Guedes, José Bento e Humberto Caldas. A ceia foi fornecida pela Pastelaria Marques, do Chiado, que mais uma vez correspondeu aos créditos já firmados por tão antigo estabelecimento.





*M. de Aguiar
Tallinn, 4. sept. 1931.*

A ansia da aventura que vive latente em todos os portugueses, levou-me um dia, em Agosto de 1931, a abandonar Portugal para ir correr mundo, ver coisas novas — auscultar outras civilizações. Sentir a emoção de poder debruçar-me sobre o novo mapa da Europa, e saber-me a muitos milhares de quilómetros desta Lisboa que nos conhece a todos, e que sorri quando um dos seus filhos pretende romper a cinta que a estrangula e ir beber em fontes estrangeiras, a largos sórvos, a seiva de outras civilizações. E de ante-mão eu gosava deleitosamente todo o valor duma longa viagem pelo norte da Europa, por países nascidos com o tratado de Versalhes ou dum impulso generoso de Wilson, novo Jehová.

Comecei pela Bélgica "midinette". Passei à Holanda florida. Percorri de automóvel, comboio e avião a "colossal" Alemanha. Atravesei como um bólido o norte da Polónia. Espreitei Gidynia e Dantzig do monstruoso "D. 2000.", a três centenas de metros de altura. Em Kenisberg ajoelhei perante o túmulo de Kant e julguei enlouquecer num restaurante onde ninguém me compreendia. Em Kaunas, na Lituania, emocioei-me quando ouvi a mocidade, patrioticamente, chamando por Wilna... Wilna... E em Riga, a dois passos da Rússia bolchevista que eu namoro há anos, recordei o drama de Ekaterinenburgo e ouvi, pela primeira vez, o cântico nostálgico dum grupo de exilados, antigos oficiais da guarda imperial de Nicolau II.

Da Bélgica à Letónia todos prezam o jornalista, facilitam a sua missão e o acumulam de gentilezas. Na Alemanha, especialmente a imprensa ocupa um lugar de merecido prestígio e as estações oficiais cuidam de rodear o "reporter,

estrangeiro dos meios necessários para o bom desempenho da sua missão, na certeza de que um jornalista é sempre um grande agente de propaganda.

Na Estónia, o último país que percorri nessa longa estirada pelo norte da Europa, há uma opinião diferente, que durante quasi dois anos provocou o meu silêncio, sem que me resolvesse a escrever as minhas impressões sobre essa antiga provincia russa do Báltico, que desde Fevereiro de 1918 é um estado independente. E se hoje o faço é em homenagem aos srs. Henderson, consul geral e Guttmann, secretário do consulado, que nenhuma culpa tiveram do que por lá se passou. Desembarquei em Tallinn, capital da Estónia, no dia 3 de Setembro de 1931. Chovia e chovia copiosamente. Havia 12 horas que eu e o Torres de Carvalho, encafuados numa segunda classe do "correio", lutavamos contra a fadiga e contra o sono.

Tallinn ou Reval é uma cidade de 130 mil habitantes, de casas de madeira, aspecto tristonho, ainda com laivos de medievalismo, pacata, perdida no mar Báltico e sofrendo a concorrência de Helsingfors, Leninegrado e Riga, três grandes centros de civilização. A primeira impressão que tive de Tallinn, foi, senão agradabilíssima, pelo menos de simpatia. Vinha cansado da planície sem fim, dos cenários à mesma altura, dos mesmos modos polidos e o contraste sugestionou-me. A cidade surgiu-me em anfileito, emoldurada em verdura e erguendo para o céu as agulhas de meia dúzia de torres, entre as quais, as douradas da catedral ortodoxa.

Quando cheguei ao hotel — "Kuld Lovi" o melhor da cidade — empurraram-me para um quarto sombrio, sem ar, sem luz e frio. Pelas paredes corria um fio de água que se perdia no soalho meio apodrecido.

Depois de nos termos reconfortado com um succulento almoço, fomos apresentar os nossos cumprimentos ao consul de Portugal, Mr. Uritam, comerciante ju-

Randtee Joony — a estação de Tallinn e o parque da cidade



UMA VIAGEM

As aventuras de na capital a 58° 28' de latitude

deu, que se serve da tableta do consulado que dirige, para melhor poder realizar os seus negócios e conseguir assim fácil crédito na praça. Avisado antecipadamente da nossa chegada pelos jornais estonianos e pelo extinto Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, Mr. Uritam começou por dizer-nos:

— Os senhores chegam em má ocasião. Não os posso acompanhar porque depois de amanhã à noite parto para Riga. E o tempo para mim é dinheiro.

Agradecemos a "amável solicitude" do representante de Portugal e pedimos-lhe ao menos que nos indicasse onde ficava situado o ministério dos Negócios Estrangeiros. Tinhamos uma carta de apresentação para o respectivo secretário geral e era nosso dever entregá-la.

Mr. Uritam, visivelmente contrariado, lá se resolveu a acompanhar-nos a pé através da cidade. Ao entrarmos no ministério dos Estrangeiros saltou-me às pernas um cão tigrino em cumprimentos de boas-vindas. Numa repartição para onde nos mandaram entrar, quatro dactilógrafas olharam-nos dos pés à cabeça, desconfiadas. Pouco depois éramos introduzidos junto do secretário geral Mr. Hellat, que naquele momento desempenhava as funções de ministro.

Quando regressámos à sala de espera, o consul de Portugal tinha desaparecido, e em seu lugar aguardava-nos um jovem adido de legação que falava francês e que havido recebido ordem de nos servir de guia. Eu senti dentro de mim, fervilhar

MARAVILHOSA

dois jornalistas da Estónia e 5° 29' de longitude

em cachão, a cólera contra tudo e contra todos. A minha boa disposição fugira-me. A 58° 28' de latitude norte e 5° 29' de longitude este, longe, consideravelmente longe da Pátria e da família, perdido no meio dum povo que não me percebia, atraído a curiosidade do indígena com a minha boina basca, tive ânsias de fugir.

O adido arrastou-nos até ao castelo de Toompea, ao Parlamento, à Câmara Municipal; levou-nos à igreja ortodoxa, e a um velho templo onde pendem rasgadas bandeiras teutónicas e russas conquistadas em batalhas sanguinolentas, relíquias históricas para deslumbrar o estrangeiro de mistura com poeira, teias de aranha, lixo, etc.

Como eu desejasse entrevistar o chefe socialista da Estónia, o adido gentilmente prontificou-se a servir-me de intérprete. Metêmo-nos num "taxi" e abalamos para um dos extremos da cidade. Mr. Martna atendeu-me com solicitude e respondeu, pacientemente, ao meu questionário. Falou-me dos bolchevistas e do bolchevismo e à despedida pediu-me que saudades os socialistas portugueses.

Quando chegámos ao hotel surpreendi o adido numa situação embaraçada. Não tinha dinheiro para pagar a corrida e voei em seu socorro antes que o "chauffeur", começasse a insultar-nos na sua língua de trapos.

Na semi-obscuridade do nosso quarto, eu e o Torres de Carvalho confidenciámos as nossas aventuras. E resolvemos

abalhar de Tallinn antes que nos prendessem como espíões.

Demorámo-nos nessa velha capital que o rei Waldemar II da Dinamarca fundou em 1219, três dias. Nunca mais vimos o consul de Portugal a não ser num banquete que os jornalistas estonianos nos ofereceram.

Uma hora antes de abandonarmos Reval eu descobri, por acaso, uma fotografia de "Miss Estónia", que animava uma montra. E não quis partir de Tallinn sem ao menos ter a íntima satisfação de deliciar meus olhos num rosto formoso.

Elli Silberg que ficara em segundo lugar no concurso de beleza realizado meses antes em Paris, residia num bairro de operários um pouco afastado do centro da cidade. Quando bati à porta apareceu-me um garoto meio sujo, que foi chamar a mãe, depois o pai, por último tódá a família. Conforme me foi possível, expliquei-lhes o que queria. Miss Estónia, formosíssima rapariga que os meus olhos recordam com saudade, veio receber-me gentilmente. E então travou-se entre mim e a linda estoniana um diálogo vivo, rápido, incisivo. Ela só falava a língua pátria e o alemão, para mim completamente desconhecidas. Resolvi entender-me por gestos e meias frases. Vinte minutos depois estava esclarecido a respeito da sua idade, posição social, gostos, etc., e segurava vitorioso a fotografia que ilustra esta página. Olhei para o relógio. Faltava um quarto de hora para o comboio. Soltei um adeus em alemão e gánhei a rua. Perto estava um "taxi". Gritei ao "chauffeur" em francês: rápido para o hotel. Mas o homemzinho não compreendia uma palavra da língua de Voltaire, e hoje em Tallinn havia pelo menos mais três. O nome "Kuld Lovi" fugira do meu cérebro. O tempo passava. De repente o "chauffeur" pôs-se a enumerar os hotéis da cidade. Quando pronunciou "Kuld Lovi", soltei um grito e exclamei em alemão: — Ya!...

À porta do hotel o Torres de Carvalho, rodeado de meia dúzia de malas, estava

Um aspecto de Tallinn, capital da Estónia, em dia de festa nacional



*Armando d'Aguiar
Armando d'Aguiar*

com cara de tragédia e ia para mimostrar-me com um chorriollo de descompusturas quando lhe gritei.

— Salta para o automóvel e deixa-te de lérias!...

Entramos na "gare", com um minuto de avanço. Atráramo-nos para uma caruagem. O consul tinha embarcado noutra, e à nossa espera lá estava o pobre adido. Só quando a pesada locomotiva se pôs em marcha, eu soltei um suspiro de alívio. Iamos a caminho de Lisboa. Mas estava escrito que não deixaríamos a Estónia sem sermos heróis de mais uma aventura.

Quando o comboio chegou a Walk, uma cidade que a fronteira estoniana-letã divide ao meio, eram 2 horas e meia da madrugada. Eu dormia a sono solto e o Torres de Carvalho ressonava como um cabo de artelharía, quando, alguém bateu fortemente à porta. Era a polícia internacional letã que nos pedia os "laissez passer", e que depois dum rápido exame à documentação nos exigia duas libras. Faltava nos passaportes um visto qualquer. Barafustei, protestei e a nada os guardas se moveram. Resolvi então ir acordar Mr. Uritam que descansava, fôfamente, no "wagon-lit". Pesarosamente acordei-o. Expuz-lhe a situação. O consul chamou um guarda, que, naturalmente, lhe disse que não compreendia a língua que falávamos e que por nossa causa o comboio se estava atrasando. Então o consul, homem de negócios, voltou-se para mim e desfechou-me esta frase, sintomática em demasia.

— S'il faut payer, chers messieurs, payez donc, parce que nous ne pouvons pas rester ici longtemps.

E não tivemos outro remédio senão pagar.

Armando d'Aguiar.

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

«RÉCITA POR AMADORES»

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, realizar-se-á em junho, em um dos melhores teatros da capital, uma récita de caridade, em que tomarão parte conhecidos elementos amadores pertencentes à nossa primeira sociedade.

O produto desta récita é destinado a várias obras de caridade patrocinadas pelas senhoras que compõem a comissão organizadora.

Casamentos

Em Arroios, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Joana Ramalho, filha da sr.^a D. Lucrecia Ramalho Franco e do sr. João Piteira Franco, com o sr. dr. Sebastião Pereira Barroso, filho da sr.^a D. Adelaide Pereira Barroso e do sr. José Barroso.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Luiza Franco de Matos e D. Maria Horta e Costa e padrinhos os srs. Joaquim José Franco e Luiz Barroso Felix.

Serviram de caudatários os meninos Maria da Graça Lima Mira, Maria das Dores Mira, José Nunes Mexia e Manuel Temudo.

Terminada a cerimônia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

— Pelo sr. dr. António Ribeiro, conservador da sétima Conservatória do Registo Predial, foi pedida em casamento para o sr. dr. António Domingos da Silva, a sr.^a D. Henriqueta Pinto Monteiro Sena, sobrinha do sr. Manuel Luiz Sena.

A cerimônia realizar-se-á por todo o próximo mês de Julho.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Lúcia Figueiredo Cardoso dos Santos, filha da sr.^a D. Georgina Figueiredo Cardoso dos Santos e do coronel de cavalaria sr. Alberto Cardoso dos Santos, com o sr. Silvano Lomelino de Freitas, filho do sr. Lomelino de Freitas, f. falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, e condessa da Esperança e de padrinhos os srs. Armindo Gon-

çalves Forte, secretário do ministro do interior, sr. capitão Raul Gomes Pereira, e conde da Esperança.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, fornecido pela pastelaria «Ferrari».

Festa de homenagem

Constituiu sem dúvida alguma, uma verdadeira «parada» de mundanismo, a festa de homenagem aos cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, realizada no teatro Politeama.

Damos em seguida a nota da selecta assistência, a qual nos recordamos os seguintes nomes:

D. Fátima Tamagnini Barbosa de Oliveira, condessa Du Moulin Eckart, condessa de Gonçalves Pereira, marquesa de Fontes Pereira de Melo, condessa do Cartaxo, condessa de Alfarrade, condessa de Agueda, condessa de Sant'Iago, condessa de Tatocira, condessa de Santar, condessa de Carnide, condessa C. Ficalho, condessa de Sucena, viscondessa de Seacavem, viscondessa de Atouguia, viscondessa de Merceana e filha, baronesa de Caduro, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha, D. Maria Domingas de Sousa Couinho Rebêlo da Silva, D. Branca de Atouguia Pinto Bas'lo, D. Virgínia de Abreu Carça, D. Madalena Trigueros de Martel de Patriçio, D. Maria Carmina Freire e Andrade de Sousa Lobo, D. Elvira de Macedo Dias e Egas Moniz, D. Estefânia de Macedo Dias Macieira, D. Elisa da Costa Novais, D. Maria Teresa Valdez Pinto da Cunha, D. Cecília Carnonelli de Azevedo e Lima, D. Natália de Muñoz y Puig, D. Maria Henriqueta Nunes Correia Abrantes Costa, D. Atarazia de Brito e Abreu Craw, D. Maria Joana de Brito e Abreu ortugal, D. Palmira da Costa e Silva e filha, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filhas, D. Sára Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Amélia de Vasconcelos Pôrto de Vilhena, D. Maria Emília de Aneães Proença Pereira do Vale e filha, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco, D. Mécia Mousinho de Albuquerque e filha, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Carlota de Araújo Serpa, D. Maria Gabriela Cablas Forte, D. Henriqueta Valente Salena Garção e filha, D. Camilla de Paiva Raposo e filha, D. Elisa Talone Ferreira, D. Maria Luiza de Borja Trindade, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Lucia Guedes de Andrade e filha, D. Filomena Lamarão Vieira da Rocha, D. Amélia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Gabriela Ramires dos Reis, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Arselina Moreira dos Santos, D. Julia Camacho Santos, D. Joana de Castelbranco Mendes da Silva, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Fanny Fonseca, D. Alice de Sousa Melo, D. Clotilde Valfor de Brito Chaves, D. Julia Assis de Brito, D. Maria José de Borja Trindade Bernard Guedes, D. Alzira Cordeiro Rebêlo, D. Ilda Blanck, D. Maria Rosa Alves de Carvalho Borges, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigo, D. Maria Isabel Burnay de Almeida Belo e filha, D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda e filha, D. Eugénia dos Santos Loureiro, D. Rosa Pais Lopes e filha, D. Ana Deniz de Melo Régo e filhas, D. Maria Diogo da Silva Caneela de Abreu, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Maria Luiza Vaz Morano, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Margarida Pignatelli de Vasconcelos de Aguiar, D. Delfina Mesquita, D. Graçinda Lopes de Almeida e filha, D. Octávia Sasseti Viagare, D. Laura Proença de Barros, D. Berta de Sousa Régo Sobral e filha, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Amélia Dias de Oliveira Martins, D. Emilia Pimentel, senhora de Carlos Meidinho de Almeida, D. Adeina Deniz de Almeida, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Luiza de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Maria Inácia Correia de Vasconcelos, D. Vera Bettencourt Olavo, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Felismina de Cardim, D. Eugénia Soares de Oliveira e filha, D. Berta Correia Ribeiro, D. Felicidade de Sousa Eiró, D. Etelvina de Sousa Falcão, D. Aida Barreira Pinto Ferreira, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Maria do Carmo Contreras Machado, D. Lidia de Carvalho Castelbranco e Melo, D. Inês Mourmour Marques Donato, D. Maria Amélia Proença Amaral Forte, D. Maria Luiza Brannão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria Amélia Fortes de Querol, D. Maria Isabel Forte de Santiago, D. Helena Curry Cabral Beirão de Peiga, D. Isabel Curry Cabral Carvalhosa e filha, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa, D. Carolina



A menina Consuelo Mendes Cruz, gentilíssima filha do nosso compatriota sr. Mendes Cruz, uma das figuras de maior relevo na colônia portuguesa de S. Paulo, onde o sr. Manuel Dantas Mendes Cruz goza dum invulgar prestígio, como comerciante e como «sportman». O traje da menina Consuelo Mendes Cruz, confeccionado em Portugal, marcou, durante o carnaval de S. Paulo, como uma das mais felizes notas do nosso portuguesismo em terras do Brasil

Teixeira Pereira e filhas, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Maria Emmauz de Leite Ribeiro, D. Esperança Cardim Bastos, D. Joaquina Nunes de Carvalho e filha, D. Berta de Figueiredo da Mota Marques, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebêlo, D. Margarida Barbosa Meireles, D. Cândida Ribeiro Lopes, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, senhora de Carlos Meireles de Carvalho, D. Ester Machado da Cruz de Oliveira Duarte, D. Lucilla Machado da Cruz Cisneiros Ferreira, D. Maria José Conceição Assis de Brito, D. Isaura Vaz de Castro e Araújo Santama, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa, D. Maria de Sante de Aires de Campos (Amcal), D. Rosa Barroso de Matos Cid e filha, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Fernandina Pereira de Lacerda Pinto de Lima, senhora de Jaime Costa e filha, D. Berta Rosa Limpo de Sena, D. Carmen Correia Leite Pelmar da Costa, D. Alice Costa Botelho de Andrade, D. Arminda Rumina, D. Corina Rosa de Lima, D. Isaura Rocha Toncho de Melo, D. Margarida Lot. D. Sofia Mac-Bride Fernandes, D. Judite de Lenjamm Pinto, D. Sára Ribeiro Freire de Andrade Salazar de Eca, D. Maria do Carmo Salazar de Eca de Brito, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Adela Palau de Roura, senhora do dr. Bastos Gonçalves, D. Fernandina de Montelano, D. Maria de Bettencourt Rebêlo Beneducci, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Antónia Deniz Ribeiro, D. Fernandina Deniz Neto, D. Amélia Mateus dos Santos Alpoim, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria José de Sousa Régo, D. Maria da Glória Duarte Silva, D. Germana de Andrade, D. Emilia Lopes Freire, D. Maria Emilia de Sousa Régo Gentil, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria José Camas da Costa e Silva, D. Maria Luiza e D. Sára Marie de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Clementina Lisbon Achemann, D. Margarida Mendonça, D. Maria Adelaide Coelho, D. Maria Máxima e D. Maria Amélia de Arriaga Tavares, D. Maria da Guia Ferreira Patrício, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Graçinda de Castro Vaz de Araújo, D. Maria Teresa Ortigão Ramos Jorge, D. Ermelinda de Saavedra Neves e irmãs, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Alice Freire Sobrinho, D. Palmira da Navarro Vianna Bastos, D. Guilhermina Marques Vieira e filha, etc.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Joana Ramalho Franco com o sr. dr. Sebastião Pereira Barroso, efectuado na igreja matriz de Arroios



Da velha Costa de Caparica à moderna Praia do Sol

AQUELA antiga Costa de Caparica, de areais dourados, salpicada de barracas de côlmo, raramente visitada por algum lisboeta mais atrevido, inóspita e agressiva, surge agora, em meia dúzia de anos, para o turismo nacional e porventura para o estrangeiro, para a terapêutica infantil da capital, para o repouso e revigoramento dos cidadãos cansados, — numa fulgurância de luz, de progresso, de desenvolvimento que constitui na verdade um caso único, de formação expontânea.

Com dizermos formação expontânea não queremos significar que tal desenvolvimento se produzisse sem o esforço, a dedicação e a productividade de alguém. Não.

Na gênese destes fenómenos, está sempre alguma grande energia, alguma vontade capaz de vencer através das máximas dificuldades, algum «carola» desses para quem os obstáculos, as injustiças, as luctas por vezes inglórias, parecem ser antes incentivos de acção e de coragem moral para a continuidade da obra.

É o caso, quanto á Costa de Caparica, do sr. Agro Ferreira a quem se ha de fazer, em hora própria, a consagração que merecem os esforços honestos, inteligentes e productivos com que conseguiu realizar uma grande obra que só por si pode legitimamente constituir nobilíssimo orgulho.

E essa obra a que os seus adversários, inimigos ou concorrentes, tanto teem procurado obstar, tem tanto maior merecimento e terá tanta maior consagração, — quanto mais se fôrem desenrolando os meios, por vezes torpes e miseráveis, com que se pretende estorvar a sua acção honesta, honrada e meritória.

Lisboa tem ali a sua única praia de verão.

É não podia ter outra melhor.

Para servir a grande capital portuguesa, o cais da Europa, a cidade das sete colinas, não bastaria qualquer praia; era preciso, uma praia correspondente á sua grandiosidade; era preciso uma praia de que se pudesse dizer o que se diz da Costa de Caparica: ser a melhor praia da Europa.

Ha anos um grupo de ingleses iniciou negociações com o govêrno português no sentido de fazer dali uma grande praia internacional. Essas negociações esmoreceram quando foi do abalo da libra e da guerra entre esta e o dolar.

O ilustre architecto Cassiano Branco renova agora a possibilidade de grandes empreendimentos desenhando um vasto plano de obras e melhoramentos que fariam daquelas parágens o paraíso terráqueo; qualquer coisa para muitas centenas de milhar de contos — o que nos parece fantasia maravilhosa pouco fácil de realizar, mesmo neste momento de grandes empreendimentos. . .

Mas, entretanto, o grande animador da Praia do Sol, sr. Agro Ferreira, vai «realizando» melhoramentos que formam a base e possibilidades de todos os progressos.

O Hotel ha pouco classificado e que mereceu a aprovação do Concelho Nacional de Turismo e a admiração de quantos o teem visitado, é uma realização valiosíssima a que o architecto Moreira de Lemos deu linhas sóbrias e elegantes e que mestre Raimundo José Maria construiu com toda a perfeição e solidez.

A formação duma empreza destinada á propaganda e iniciativas daquela região, é outra grande obra, outra grande realização de que há esperar fecundo manancial de empreendimentos.

De facto, em vez de virem estrangeiros empreender e explorar o que é nosso, porque não se organizar o capital, a arte e as actividades nacionais a que o Estado dê, com muito maior razão, as concessões solicitadas por estranhos?

A maravilhosa Praia do Sol, entretanto, vai-se desenvolvendo por forma a conquistar entre as praias portuguesas o prestígio que merece.

A justa crítica que teem merecido cons-

truções realizadas ao acaso, abarracadas, sem arte e sem higiéne, — é gloriosamente vencida por lindas vivendas, por casas de estilo português, da auctoria de verdadeiros artistas.

Para desejar é que esta tendência de bom gôsto não seja contrariada por quem parece tudo querer achincalhar, sem noções de estética, sem responsabilidades da urbanização duma grande praia destinada ao futuro que esta tem.

A nossa gravura de hoje dá já uma impressão de conjunto de algumas construções interessantes e que só podem ser bem apreciadas pelo contraste com o que ainda ha poucos mezes eram aqueles areais selvagens onde apenas surgiam umas barracas de côlmo pitorescas mas... destinadas ao sacrificio do progresso que as transforma, para os próprios pescadores, em casas confortáveis.

Dos terraços do Hotel da Praia do Sol avista-se a urbanização realizada na localidade, engastada no vastíssimo horizonte que vai do Cabo da Roca ao Cabo Espichel.

Essa vista é uma maravilha de grandiosidade, de luz, de pitoresco, — que enche a alma do profundo orgulho de ser nosso um tal conjunto de beleza.

Se a isto juntarmos o prestígio com que, therapeuticamente, os médicos rodeiam a Costa de Caparica, temos de reconhecer que se não enganam os estrangeiros quando esboçam as suas preferências, quando se encantam com as suas belezas e qualidades, quando a pretendem para seu logradouro.

De preferência, como portugueses, devemos desejar que a grande obra seja realizada por portugueses e que nesse sentido se organizem os elementos necessários.

O turismo nacional está-lhe assegurado desde já, por concorrência exuberante; a concorrência de estrangeiros firmar-se-á rapidamente logo que se completem e sejam conhecidos os elementos de conforto e de atracção em curso.

Os poderes públicos, por sua vez, teem de dar a essa região o indispensável concurso de estradas, cais e melhoramentos públicos só dependentes do Estado.

Se Setúbal, para se valorizar a si própria e para valorizar a Arrábida, não vê desde já êsse problema, vê-o Lisboa, para quem êsses melhoramentos são imperativas exigências.

AO ALTO DA PÁGINA: Fotografia do nosso distinto colaborador João Martins, tirada da praia da Costa de Caparica. Ao fundo vê-se o magestoso edificio do hotel, que o architecto Moreira Lemos planeou e o mestre Raimundo José Maria construiu

A. de A.



Carole Lombard, uma das maiores fotografadas do cinema

Pode argumentar-se que o interesse manifestado pelo público nestes casos é doentio e não deve ser satisfeito. A razão

é para considerar. Mas sendo assim, idêntica censura teríamos de fazer à imprensa que explora inconsideradamente esse gênero de noticiário.

Como se sabe, na Alemanha o Estado nazi exerce uma fiscalização directa sobre a indústria cinematográfica e imprime-lhe a ideologia racista.

Assim, como o dr. Goebbels, ministro da Propaganda do Reich, o tem definido nos seus discursos, os judeus foram excluídos do cinema alemão. O ministro reconhece, na verdade, que pode ter originado algumas tragédias, mas acrescenta que nos últimos catorze anos o povo germânico tem experimentado muitas tragédias para se comover com isso.

Ora a aplicação deste critério racista tem levantado diversos incidentes, alguns deles pitorescos. Assim, o filme «O boxeur e a senhora, que há cerca de um mês se exhibia num grande cinema, foi subitamente interdito pela censura. Qual o motivo? Meteram-se no assunto os diplomatas. E no final veio a apurar-se o grave motivo da decisão tomada: um dos actores em evidência no filme é o boxeur Max Baer que tem aos olhos dos censores alemães o grave defeito de ser de origem israelita.

Idêntica foi a sorte de «Catarina da Rússia» por Elisabeth Bergner, a sua extraordinária intérprete ser também de raça judaica.

Mas o caso mais pitoresco é ainda o do filme «A maternal». Quando foi exibido em Berlim este filme, o nome do realizador francês, Jean Benoit-Levy, teve de ser amputado da sua última particula para vencer os escrúpulos da censura hitleriana.

Georges Arliss, que sem favor podemos considerar o primeiro dos actores ingleses, terminou há tempo um filme notável que se chama «A casa dos Rothschild».

É ele que domina o filme do princípio ao fim, e no dizer dum crítico americano o seu trabalho

CINEMA

O ponto de vista nazi na censura de filmes

O espectáculo dos grandes julgamentos

só pode ser confrontado com o que realizou em «Disraeli».

Georges Arliss faz neste filme um duplo papel. Ao começo é o velho Mayer Rothschild que no seu leito de morte reúne os seus cinco filhos e ordena-lhes que nunca esqueçam a raça a que pertencem.

Vemo-lo depois no papel dum desses filhos, o extraordinário Nathan Rothschild, financeiro habil e poderoso que acumula milhões.

Com a sua profunda inteligência e sensibilidade de actor, Georges Arliss traça dois retratos destes homens que sendo semelhantes tinham contudo entre si subtilez diferenças.

O filme adquire um significado especial na época presente, em que o anti-semitismo mostra inquietante desenvolvimento nalguns países. De facto, trata-se dum apologia discreta e inteligente da raça judaica, cujas virtudes são no filme exaltadas.

A título de curiosidade damos aqui a biografia de Georges Arliss.

Nasceu em 1868 em Bloomsbury, um dos bairros de Londres. Seu pai era proprietário dum pequena oficina de impressão, onde Georges trabalhou nos primeiros anos da sua vida. Mas o teatro era a sua vocação e por isso à noite representava numa companhia de amadores.

Ao fim dum ano resolveu abandonar de vez o officio para se consagrar ao teatro. Estreou-se numa comédia musical em que cantava um número de grande êxito. Distinguiu-se de tal modo entre os seus colegas que ao fim de pouco tempo era contratado pela companhia Campbell, que fazia tournées pelo mundo inteiro.

Foi nessa companhia que conheceu Florence

Montgomery com quem se casou. Florence convenceu-o a ir à América. Tratava-se dum curta viagem cuja duração não devia ir além de quatro meses. Mas quis o Destino que por lá ficasse vinte anos.

Trabalhou no teatro e obteve êxitos sobre êxitos. Em 1929 estreou-se no cinema no já citado «Disraeli» que obteve um formidável successo.

Desde então que trabalha normalmente nos estúdios, interpretando alguns dos personagens que já criara na cena.

Na vida privada é um verdadeiro inglês, correcto e meticuloso. Anda sempre de monóculo. Cuida minuciosamente da sua «toilette». É vegetariano e joga o golf. Adora cães e coleciona relógios antigos.

Com razão se acusa por vezes o cinema de exercer nefasta influência sobre os espiritos juvenis. Claro está que essa influência tem como causa mais funda uma predisposição ou desequilíbrio, que absolve o cinema de muitas culpas que lhe são imputadas.

Vale a pena, em todo o caso, referir um facto succedido há semanas em Londres. Um rapaz de 17 anos foi preso no momento em que tentava assaltar a residência dum rico comerciante londrino. A Polícia inglesa veio a apurar que o jovem ladrão pertencia a uma honesta família australiana e tinha chegado a Inglaterra pouco tempo antes.

No tribunal, o réu contou que sofria a obsessão dos filmes americanos de gangsters, de que presenciara diversos exemplares no seu país. Logo que se lhe ofereceu oportunidade fugiu para a China, onde comprou um revólver que lhe foi apre-

endido. Ai arranjou meio de embarcar para Inglaterra.

A ingenuidade do acusado exerceu enorme impressão sobre o júri que se mostrou disposto a restituí-lo à família.

O caso, se pelo que tem de particular não constitui libelo contra o cinema, demonstra pelo menos a vantagem que haveria em os realizadores procurarem fontes de inspiração mais sadias.

Karl Dane, o inesquecível Slim de «A Grande Parada» suicidou-se metendo uma bala na cabeça.

Tinha 48 anos de idade, pois nasceu em 1886 em Copenhague. Tirou o curso de engenheiro mecânico e fez parte da primeira esquadriha dinamarquesa de aviadores.

Sentiu desde novo a vocação do teatro. Durante a mocidade representou várias peças no seu país natal. Foi em 1917, por ocasião da entrada nos Estados Unidos na Grande Guerra, que se estreou no cinema. Mais tarde «A Grande Parada» foi o seu grande êxito e deu-lhe categoria no mundo cinematográfico. A par do pequetano George K. Arthur, com quem ele contrastava pela sua imponente estatura, realizou uma série numerosa de farças que tiveram a sua época.

O advento do fonocinema veio, contudo, pôr limite à sua bela carreira. Como tantos outros artistas estrangeiros que trabalhavam na América do Norte, Karl Dane não conhecia suficientemente a língua inglesa para poder interpretar filmes falados.

Os que conviviam de perto com ele explicam o seu gesto de desespero pela impossibilidade em que se encontrava de arranjar trabalho. Fizera há tempo uma tournée teatral que nenhum êxito obteve e deve ter sido esse fracasso que determinou a sua trágica resolução.

Organizou-se em Inglaterra uma poderosa empresa que se propõe realizar apenas dois ou três filmes por ano, mas que tomará ao seu serviço os realizadores e artistas mais célebres do

Joan Crawford, a actriz que melhor exprime o fatalismo



A ideia que vamos apresentar não é nova. Encontrámo-la num dos maiores quotidianos francezes, o «Paris-Sol», firmada por Simone Dubreilh. Mas tão curiosa se nos afigura que nos sentimos tentado a reproduzi-la.

Porque motivo ninguém se lembrou até hoje de utilizar no cinema a extraordinária atracção que exercem sobre o público os julgamentos dos grandes processos?

Devem existir não só em Portugal, mas até no estrangeiro, disposições que tendo em vista a austeridade do tribunal, dificultam qualquer iniciativa nesse sentido. Mas não cremos que tais obstáculos sejam insuperáveis e que a ideia não possa ter efectivação sem prejuizo do bom funcionamento dos tribunals.

Imaginemos, visto que da França se trata, um filme sobre o processo de Sarrat, o «monstro de Montpellier» que dissolvia as suas vítimas em ácido sulfúrico, ou sobre Violette Nozières, a sinistra parvada parisiense. O público, avido de emoções, assistiria ansioso ao desenvolvimento do debate, ouçria da própria boca do réu a confissão do crime nefando. Numa palavra, o julgamento constituiria um espectáculo completo, com suas fases alternadas de tragédia e farsa, interpretado por actores espontâneos e convictos do seu papel.

Uma cena cheia de realismo do filme Rasputin e a Imperatriz



Johnny Weissmuller e o centro magnético que atrai estas formosuras girls



mundo. A qualidade compensará assim a quantidade.

O primeiro filme será dirigido pelo grande realizador francês Jacques Feyder. E terá como intérprete o notável Emil Jannings.

A escolha do principal papel feminino já está também determinada. Não será uma actriz de fama, mas sim uma senhora da alta sociedade londrina — Miss Dudley Ward, que incarnará uma heroína dos tempos românticos. Essa decisão foi tomada de acôrdo entre Jannings e Feyder.

O conhecido realizador Alexandre Korda, que actualmente dirige a produção dum das mais importantes empresas cinematográficas de Inglaterra, tem manifestado por diversas vezes o seu ardente desejo de realizar um filme sobre a vida de Cristo.

Anuncia-se agora que decidiu pôr em execução essa ideia. Já se sabe que não será a um artista que confiará o papel de Jesus. Alexandre Korda entende que a imagem do Salvador não deve estar associada ao espírito do espectador ao nome de nenhum artista. Por isso, a identidade do intérprete desse difícil papel está e deve continuar rodeada de mistério.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRENSA

A Hora — de Lisboa. Dia a dia o charadismo engrossa as suas fileiras, e dia a dia novos sistemas de propagação vão surgindo.

Agora é *Doridóftes*, moço cheio de boa vontade e grandes qualidades, cujos progressos na Arte vemos manifestarem-se a cada instante, que nos apresenta «Desporto de Edipo», em *A Hora*, jornal ilustrado. É uma secção interessante, que não tardará, decerto, a reinir nas suas colunas muitos dos valores marcantes do charadismo luso. Gostosamente a recomendamos aos nossos colaboradores, desejando-lhe, e ao seu director, muitas prosperidades.

APURAMENTOS

N.º 5

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

LÉRIAS

N.º 19

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

JOBEMA (...)

N.º 14

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos:

Africanista, Antomar, Lérias, Linda Morena, Márius, Miúdo & Graúdo, Olho de Lince, Pecadora, Pérola Branca, Sinhá Duro! Veiga, Zé Banana, Zica, Zuraya (todos da T. E. L.); Aço, Zé Nabo (da T. E.); Deniz Lima, Demócrito, Tony Troante, Frá-Diávolu; Historiador, Cantante & C.^o

QUADRO DE MÉRITO

Verdegaiu, Apolo V, 18 — Ignotus Sum, Justa, Nêlito, Ocsav, Viola, 12. — Ktaventu, Faro Leiro, 11

DECIFRAÇÕES

1 — Meto-todo-método. 2 — Ama-mago-â-mago. 3 — Condi-dição-condição. 4 — Novc-vela-novela. 5 — Bote-telha-botelha. 6 — Morboso. 7 — Cosquear. 8 — Regalona. 9 — Amélia. 10 — Lâmina. 11 — Pardoca. 12 — Armando. 13 — Piara-pira. 14 — ADULAR-ALAR. 15 — Libambo-libo. 16 — Gamenho-ganho. 17 — Degrêdo-dedo. 18 — Esquiról. 19 — ESTAFERMO. 20 — Alcaide do campo, ou coxo ou manco.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) O teu namôro não me está a agradar. Só serve para divulgar segredos. (2-2) 3.

Reguengos

Dralicba

2) O fargo tem goela por ser peixe das costas de Portugal. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beadu



SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 9

3) Apanhas uma *sova*, se pões *lacre* na carta depois de andares na «dança». (2-2) 3.
Lisboa *Nicantunes*

NOVISSIMAS

4) Era um *vestido de mangas largas* que levava a *mariola* 2-1.
Lisboa *Fernambelo*

5) *Sente-se* agora bem «segura» do *equilíbrio*? 1-1.
Coimbra *Frangerque*

6) Só recorre à *injúria «um»* ser *abjecto*. 4-1.
Ponta Delgada *Jobema (...)*
(Ao ilustre director)

7) O *polimento* do seu porte faz do confrade «um» indivíduo *notável* 2-1.
Lisboa *Lérias (T. E.)*

8) A *dança dos negros* não tem *enredos*. 2-1.
Lisboa *Pinoca (S. C. L.)*
(Ao grande pândego Bixo Knhoto)

9) O «*trabalho*» que o *senhor* me mandou fazer é muito *difícil* de executar. 3-1.
Lisboa *Reinadio (S. C. L. e T. E.)*

10) Foi *amortecida* a *opinião* sôbre a *pintura em gesso com sombras muito leves*. 2-1.
Lisboa *Sácrista (G. E. O. e T. E.)*

11) *Onde* está o *miúdo* e *onde* está o *graúdo*? 1-1.
Lisboa *Veiga (T. E. L.)*

12) A *minha família* não vai à *igreja*. 2-1.
Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

13) Com «*custo*», no *êpo*, se tem «*acertado*» tôdas as *pancadas*. 1-2.
Paços de Brandão *Viola (T. C. B.)*

SINCOPADAS

(Ao decifrador «Dropês»)

14) O «*pinheiro*» manso em «*relação*» ao bravo é *pequeno*. 3-2.
Lisboa *Doridóftes (T. E. e S. C. L.)*

15) É *deshumano* empregar a *força* contra os *fracos*. 3-2.
Lisboa *Fernambelo*

16) Um *pedido de dinheiro* é uma notícia de mau *auspício*. 3-2.
Viscu *Fontelísio*

17) Merece estar na *prisão* quem furta o *pepino do Egipto*. 3-2.
Paços de Brandão *Nêlito (T. C. B.)*

18) A *minha rapariga* usa *mantilha*. 3-2.
Luanda *Ti-Beadu*

ENIGMA FIGURADO

19) A *rapariga que faz recados e pequenos serviços fora de casa* leva à *cabeça* a *extremidade da âncora*. 3-2.

Paços de Brandão

Viola (T. C. B.)

Ao amigo e confrade «Lérias»

20) Ficas *contente* ou *azêdo* com êste meu oferecimento? 3-2.

Lisboa

Nicantunes

O teu *singelo adeus*, — 1
À despedida,
Amor, pecados meus,
Roubou-me a vida.
Vi-te partir,
Entristecida
E a sorrir...

E foi-me doloroso o dia, — 1
Em tôda a parte via
O teu rosto surgir,
E sentia

A dor atroz a torturar
Meu pobre coração!

Hoje, cansada de esperar,
Meu senho é *vão*!
Sonhar! Sonhar!
E nada mais...

Tu sentes porventura os ais
E o chorar

Dêste meu peito sofredor?
Tu nem sequer escreves,

Ao menos, umas linhas breves
Ao teu amor!

O sofrimento,
A dor,

O meu triste lamento,
Nada já te importa!...

A tua alma morta
Tudo esqueceu —

As juras que fizeste,
Os beijos que me deste —
Tudo morreu!

Lisboa

Moreninha

(A todos os confrades que me têm dedicado trabalhos)

22) A «*vida*» não é mais que uma charada — 1
Que tem para conceito a negra morte,
E para a qual não quis ainda a sorte,
Que a sua solução fôsse encontrada.

Charadistas de braço e mente forte,
Jâmais, sequer, tiveram enccetada
A pista, p'la qual fôsse decifrada,
A charada de assim tão dâro porte.

E se apar'cer na geração futura
Alguém, que a *dar-se* o caso, haja a ven-
tura — 1

Da solução exacta lhe ocorrer,

Terá nas suas mãos a humanidade
E a eterna gratidão da sociedade
P'la sua vida assim lhe favor'cer.

Lisboa

Sácrista (G. E. O. e T. E.)

ENIGMA EM VERSO

23) Se entre mil e cinqüenta colocar
A prima com fervor,
De pronto há-de notar
Que assim se cria a dor.

Almeirim

Tony Troante

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Sem receio da vertigem...



A mais de tresentos metros do solo este operário brinca com a vertigem... Está trabalhando num dos novos arranha-céus em construção em Nova-York. A' mais pequena tontura a morte é certa... e nem sequer está amarrado... É um prodígio de equilíbrio e uma grande educação nos nervos...

Um piano à cabeça...



EM Pernambuco transporta-se um piano da maneira como se vê na gravura. É pitoresca e prática. Em passo certo e firme, chegam ao seu destino, êstes seis homens, sem estarem muito cansados... E', mesmo, uma maneira de criar músculos no pescoço...

Os reis do Sião em Paris



ACOMPANHADOS dum grande sequito, estiveram em Paris os reis do Sião, que andam fazendo uma longa viagem pela Europa. Idos de Itália chegaram à capital francesa no dia 15 do mês passado, onde lhes foram prestadas honras militares. No liseu assistiram a um almôço em sua honra, que foi presidido pelo Presidente da República sr. Albert Lebrun.

PELO MUNDO FÓRA

O 3.º aniversário da República espanhola



O terceiro aniversário da proclamação da República espanhola foi comemorado brilhantemente em Madrid. Houve uma parada militar que atravessou algumas das principais ruas da capital do país vizinho. Na Castelhana, armou-se um palanque, donde assistiu ao desfile o Presidente da República, acompanhado dos membros do govêrno e de altas individualidades civis e militares.

O encalhe do barco alemão «Magdalena»



PERTO do porto de Curaçao encalhou o vapor alemão «Magdalena». Os passageiros, tomados de grande susto, quiseram desembarcar. O comandante, porém, conseguiu manter tudo a bordo, até que um outro vapor, também alemão «Cordillera» conseguiu safá-lo não sem custo. O «Magdalena» pertence às carreiras Hamburgo-Boulonha-Antilhas-América.

O dr. Marañon, novo académico espanhol



A Academia Espanhola, de Madrid, acaba de nomear seu membro, o ilustre médico sr. dr. Marañon, sumidade considerada nos meios clinicos daquela cidade. O nome do novo académico é não só conhecido na medicina, como também nos meios politicos, tendo já sido apontado para presidir a um govêrno. Na gravura vê-se o Presidente da República presidindo à sessão realisada em sua honra.

O novo Perfeito de Paris



DEPOIS dos acontecimentos trágicos de fevereiro. Paris tem já o seu terceiro Perfeito. Após a exoneração de Chiappe, dado como implicado no caso Stavisky, e da saída de Bonnefoy-Sibour, imposta pela população, o govêrno de Doumergue acaba de nomear para esse cargo Roger Langeron, antigo combatente e Cruz de Guerra.

A viagem do príncipe Jorge



O príncipe Jorge — o filho mais novo do rei de Inglaterra — continua as tradições da família visitando a meudo as colónias do seu país. O príncipe Jorge esteve em Cape-Town no dia 5 de fevereiro e atravessou a África do Sul. Passou em Angola e embarcou no Lobito há poucas semanas. Em Kimberley assistiu, em sua honra, a uma festa indígena.

O imperador Annam



O jovem imperador Annam Bao Dai, que está estudando em Paris, acaba de casar com Mariette Jeanne Nguyen Hun Hao também estudante de direito em Paris e que pertence a uma das mais nobres famílias da Cochinchina. Pratica o desporto e vive com a família em Sigon. Apesar de contrariado o casamento realisou-se a 24 de Março.



haja tantas famílias na mais profunda miséria, e que os lugares estejam ocupados por raparigas que o que ganham é para a sua elegância, para o pó de arroz e para o cinema. É preciso que todos se capacitem que está tudo fóra dos seus lugares e que a sociedade arrume a casa, pondo tudo nos seus lugares. O lugar do homem é no trabalho e o da mulher é em casa. E quando digo isto sei que não reservo para a mulher um papel leve, sobretudo nos países em que ter uma criada é um verdadeiro luxo e a mulher têm de se ocupar de tudo. Da cozinha, das creanças, da costura, do arranjo da casa, do seu conforto, enfim de tudo o que diz respeito à família e ao seu bem-estar. É um trabalho sem férias, sem recompensa senão aquela que a consciência do dever cumprido e o bem-estar material, que uma boa dona de casa traz aos seus, lhe dá.

É para a mulher uma vida de sacrifício, mas é o sacrifício que verdadeiramente é útil à sociedade. E se Hitler foi cruel para a mulher que estava ocupando os lugares que foram dados ao homem, nós temos que reconhecer que a situação que atualmente se vê em muitas famílias é insustentável porque não é natural. A nossa sociedade como está constituída, sofre também deste estado de coisas. E enquanto houver família o que espero por muitos séculos, o homem e a mulher têm na sociedade os seus lugares bem definidos e os seus lugares bem marcados. É respeitabilíssima a mulher que trabalha, é admirável o seu esforço, em face da vida nova, mas é preciso que o seu esforço, não colida com o do homem, e, que a família continue constituída como o têm sido até aqui. Simplesmente o homem deve ter mais respeito pela mulher, que proou ser capaz de o substituir no trabalho fóra de casa e que haja o maior cuidado na seleção das mulheres que não tendo quem lhe ganhe o sustento, tenham de ser mandadas nos seus lugares e possam continuar a ganhar honradamente a sua vida. Estando todas no seu lugar e respeitando a disciplina comum, a vida têm que se modificar para melhor.

Maria de Eça.

A moda

É difícil no princípio das estações afirmar qual será a moda que predominará. Não são nunca as primeiras modas que aparecem as que ficam. Este ano anuncia-se para a estação de verão, uma grande tendência para as fazendas transparentes e claras para os chapéus grandes de largas abas, em palha branca, mas ninguém pôde afirmar que sejam essas fazendas e esses chapéus os definitivamente adoptados. Para a noite continuam os vestidos leves e este pequenos casacos de abrigo usam-se em tecido «lamé» prata ou ouro e a elegância exige que sejam acompanhadas por uma carteira do mesmo tecido. Forma um gracioso conjunto e têm uma nota de elegância estes pequenos acessórios que parecem insignificantes e que têm no entanto uma grande importância para a nota de verdadeiro «chic». Para os vestidos simples e praticos de primavera continuam a usar-se muito as fazendas em quadradinhos pretos e brancos, damos hoje um gracioso modelo nessa fazenda, guarnecido a sêda grossa brauca pespontada a preto. Gola, canhões, cinto e algibeira, que dão a esta «toilette» um tudo da mais requintada elegância. O chapéu graciosíssimo e uma pequena «cloché» em palha envernizada preta, guarnecida com um véo em tule. Sapatos e carteira pretas completam este gracioso traço muito pratico e simples, que é sempre necessa-

PÁGINAS DA MULHER

rio num guarda vestidos. Escusado será dizer que as luvás são em camuça branca lavavel. Estas luvás estão de novo muito em voga e são bonitas e praticas.

O penteado é também uma das preocupações da moda, mas é preciso lembrar sempre ás nossas leitoras, que a fisionomia e o genero de cabelo têm sempre uma grande importância no penteado que se escolhe. E pode dizer-se sem exagero, que nunca a moda foi tão ecletica.

Desde o cabelo comprido, ao cabelo curtissimo tudo se usa. Damos hoje dois modelos de penteado, unhas elegantes e bonitas. Um dêles presta-se para as senhoras louras de cabeleira leve e «flou» O outro é para os cabelos escuros que requerem sempre um maior cuidado no penteado que deve ser irrecprovel sem um cabelo fóra do lugar. Ao crite-

rio ao bom gosto das nossas leitoras fica a escolha do penteado que mais lhes convém.

Tolstoi e a família

Um investigador de documentos humanos, publicou a carta que o conde Leão Tolstoi, o célebre escritor russo, escreveu na última noite, que passou debaixo do teto da sua residência de Isnaia Poliana, dirigida a sua mulher. «A minha partida vai causar-te desgosto, sinto-o, mas compreende-me e eré em mim. Não posso proceder doutra maneira. A minha situação em casa tornou-se intolerável. Sem falar de outra coisa, eu não posso viver nestas condições de riqueza e de bem estar: faço o que fazem habitualmente os velhos da minha idade, deixo o mundo, para viver na solidão e no recolhimento os últimos dias da minha vida. Peço-te que comprendas isto e que não venhas procurar-me

mesmo se souberes onde estou. A tua chegada só agravaria a tua situação e a minha Mas nunca modificará a minha decisão. Agradeço-te os quarenta e oito anos de vida honesta e leal que passaste comigo. Peço-te que me perdoes todas as culpas que possa ter para contigo, como eu te perdoo todas as que tens para comigo. Aconselho-te a que te adaptes à nova situação na qual a minha partida te coloca e não me guardes rancor. Se quizeres comunicar-me qualquer coisa, podes fazê-lo por intermédio de nossa filha Alexandra. Ela saberá onde estou e me fará chegar tudo o que preciso. Enquanto a dizer-te onde residir não o fará, porque me juro que não o diria a ninguém».

Partiu com um velho amigo, por uma escura madrugada no dia 28 de Outubro de 1910 e pouco depois morreu num casebre. Tinha 82 anos.

De mulher para mulher

Baby: É naturalíssimo o seu entusiasmo. Todas as raparigas o sentem perante a ideia do seu primeiro baile. Geralmente agora as mãs não esperam até aos 18 anos como tão acertadamente fez a sua mã, e, por isso as suas amigas são tão «blasés» e se riem. Faça o vestido em tule branco. Em fôlhos a saia e o corpo em «fichu» que é tão gracioso para uma rapariga da sua idade. Os sapatos em «lamé» prateado, de novo muito em moda. E divirta-se muito.

Violeta de Iarna: Leia a «Correspondência de Fradique Mendes» de Eça de Queiroz. Não é romance e no género que aprecia é o que há de melhor em português. Admira-me que lendo tantos livros estrangeiros não tenha até agora tido a curiosidade de ler os livros portugueses. Não será um pouco de snobismo essa afirmação?

Destinda: Mas certamente, que tem razão de querer receber as suas amigas na sua casa. Em vez de jantar que é mais incomodo ofereça-lhes um cha, é mais fácil, mais pratico e não vai incomodar o seu marido que não gosta de sociedade e que casou para ter descanso no lar. Assim ficam ambos satisfeitos. O chá pode ser servido na casa de jantar ou em taboleiros e pequenas mesas na sala, como gostar mais.

Os olhos

Os olhos dizem os poetas, são o espelho da alma e Honoré de Balzac, tinha isso em conta ao retratar os numerosos personagens da sua «Comedia Humana». Segundo este illustre escritor os olhos azues são do homem de acção, seja ela fantasista ou pratica, para elle os olhos dessa cor indicam a acção, os olhos negros a paixão. Mas os de cor indecisa, os cinzentos, os verdes, os amarelos, põe-nos em figuras excepcionais e marcados pelo destino. Assim é «Michu» na «Tenebreuse affaire» homem violento, condenado pelas suas culpas. «Os seus olhos amarelados ofereciam como os dum tigre, uma profundidade interior, na qual se perdia o olhar dos que o filavam. Luminosos, rigidos, imoveis esses olhos acabavam por assustar. «Dessa mesma cor amarela clara são os do uzurario «Gobseck» e do forçado «Vautrin». Os olhos cinzentos que podem iluminar almas bem diversas,



segundo Balzac têm o mesmo efeito dos amarelados. Assim «Gilete» da Casa do Solteirão, têm os olhos cinzentos, apagados, com qualquer coisa de perdido e de erotico. «Guillaume» que representa a paciência, a sabbedoria comercial e uma especie de astuta avareza têm dois pequenos olhos verdes e transparentes. Castanhos e profundos são os do «abade Chaperon» da Ursule Mirotic».

A cara dum homem casto têm qualquer coisa de radioso e os olhos negros animam-no no «Médecin de campagne» o «doutor Benassis» o amante arrependido, que hesita entre o suicidio e o cartucho e que se torna o bemfeitor dum pequena aldeia têm os olhos negros animados dum olhar vivo e inteligente pode dizer-se que Balzac têm o simbolismo do olhar e este simbolismo é tão rigoroso, que se um dos personagens muda de caracter, muda ao mesmo tempo a cor dos olhos.

É talvez um exagero do grande escritor. Mas os olhos dão-nos na verdade uma ideia da alma de quem os possui e se não é pela cor é pela forma e pela expressão.

No fundo do mar

Nada mais terrivel — disse um mergulhador, a um colaborador da «Stampa» — do que a visão dum navio no fundo do mar. Geralmente caem a pique e a quilha enterrando-se no fundo impede, que se voltem.

Um navio submergido tem qualquer coisa de humano que gela o sangue. Quando se desce pela primeira vez, sente-se o coração apertado e a aliação é tão grande que dá vontade de fazer com que nos subam imediatamente.

Na cobertura escorregam os peixes às centenas que entram e saem das aberturas silenciosas e diáfanas como fantasmas.

As portas batem como se alguém as fechasse à pressa para atravessar os corredores desertos sobre os quais estão os tapetes, que pés humanos pizaram. Tudo está em ordem e no seu lugar.

A vida de bordo parece apenas suspensa como nas horas nocturnas. A campainha da ponte, com o mexer das ondas, toca surdamente naquele silencio transparente, e, ficamos tomados de medo à espera de ver aparecer o oficial da guarda. É uma coisa verdadeiramente aterradora o encontrar-nos inesperadamente deante dum espelho. A figura que ali se reflecte e que avança quando nós avançamos, nada tem de humano. É um monstro contornado de azul e bolinhas de prata que nos olha da sua pálida moldura com os seus imensos olhos de cristal.



Palavras cruzadas

(Solução)

C	A	N	A	S	A	R	M	A
E	L	O	L	A	R	E	I	S
P	A	R	O	D	A	R	L	A
A	M	B	O	M	F	S		
S	O	L	O	A	R	I	A	
M	O	T	E	O	R	L	A	
B	O	I	A	A	L	M	A	
F	R	L	I	Z	A	F		
I	R	G	E	R	A	L	S	E
L	E	R	M	A	R	M	A	R
A	Z	E	S	R	C	O	L	A

Bridge

Espadas — D., 3.
Copas — R.
Ouros — ———
Paus — 9, 7, 3, 2.

Espadas — ——— N Espadas — 9.
Copas — 10. O E Copas — ———
Ouros — D., 6, 5. Ouros — 10, 8, 7.
Paus — R., D., 4. S Paus — 10, 8, 6.

Espadas — 7, 6.
Copas — ———
Ouros — R., V., 9.
Paus — A., V.

Trunfo é copas. S é mão. A e S devem fazer cinco vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga uma carta pequena de espadas, N cobre e joga duas vezes trunfo e S balda-se ao oito de paus e ao sete de espadas. Se O guarda o oito de trunfo, N joga trunfo pela terceira vez e S balda-se ao sete de oiros. Isto permite a N baldar-se aos dois oiros, sobre o dez de paus e a dama de espadas de S.

Mas se O deitar o oito de trunfo na segunda vasa de trunfo, N fará a terceira vasa de trunfo e S balda-se aos paus e guarda os dois oiros. N joga, então, oiros e S fará os seus dez.

De onde vem o nome de Hollywood

O nome de Hollywood dado à capital americana do cinema tem uma determinada significação. *Holly*, em inglês, quer dizer *azevinho*, e *wood*, madeira; por conseguinte, *Hollywood* traduz-se por *madeira de azevinho*. Efetivamente, todo o terreno daquele subúrbio de Los Angeles, na Califórnia, que se tornou Hollywood, era dantes, apenas, um chão escassamente plantado de arbustos e de matas de azevinho. É, agora, uma grande cidade florescente, enriquecida pela exploração cinematográfica. Grande número de artistas conhecidos de além do Atlântico, fizeram mesmo fortunas especulando com os terrenos que os *studios* iam, dia a dia, invadindo, e ganharam assim tanto ou mais dinheiro ainda do que com o seu trabalho em cena.

Pensamentos

O peor inimigo é o que já foi nosso amigo e nos odeia.

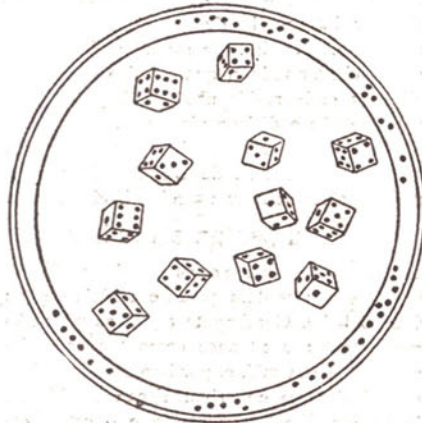
A amizade é um dos mais belos sentimentos humanos.

(La Fontaine).



OS DOZE DADOS

(Problema)



Aqui estão doze dados, de cada um dos quais, como é natural, apenas se vêem três faces, por ficarem ocultas à nossa vista as outras três. Chamemos pontos visíveis aos que há nas primeiras e pontos invisíveis aos que há nas outras. Agora o problema é este:

Divida-se o círculo em seis partes iguais. Feito isto, em cada parte somem-se os pontos visíveis e depois os invisíveis; subtraia-se, depois, a soma menor da maior, e o resto que se obtiver deverá ser igual ao número de pontos que houver entre os dois círculos concêntricos da figura, na porção correspondente à parte de que se trate.

O espírito inglês

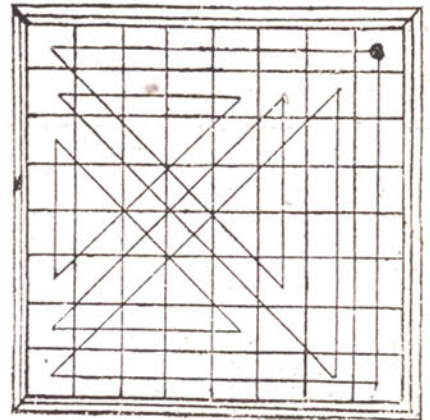


— Não venhas de avião, meu amor. Pensa em mim e nos filhos!

(Do Life).

Os 14 movimentos

(Solução)



O problema pode ter várias soluções conforme a casa por onde se comece. A que a nossa figura representa é uma das mais elegantes e das mais simples.

O chapéu alto

Em Londres, fundou-se há anos um clube, o *dos amigos do chapéu alto*, do qual 30 socios são membros da Camara dos Comuns. Obrigam-se os socios daquela singular associação a usar chapéu alto em todas as ocasiões solenes e a reunir-se uma vez por semana, igualmente de chapéu alto. Os que são parlamentares devem ir às sessões também de chapéu alto «para darem às assembléas legislativas a dignidade e a imponência de outros tempos».

Sir Austen Chamberlain e outros politicos de nomeada, que se têm conservado fieis ao chapéu alto, foram eleitos socios honorários.

Qual a origem da palavra «sandwich»

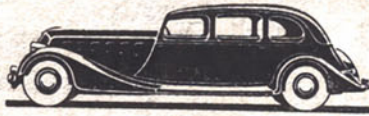
Como muito dos termos estrangeiros adoptados entre nós, a palavra «sandwich» é de uso bem corrente. A sua origem remonta ao lord inglês John Montagu, conde de Sandwich, que foi quem inventou esse manjar e lhe deu o nome. Jogador ferrenho, contrariando-o em extremo ter de interromper as suas partidas, ainda que fosse para comer, o nobre lord lembrou-se de mandar cortar fatias de pão delgadas, no meio das quais o seu cosinheiro lhe colocava carne fria ou presunto.

Cão sem pernas

Na Australia, em Strahan, circula pelas ruas um cão sem pernas. Perdeu-as ficando debaixo dum automovel, e o dono mandou que o operassem cuidadosamente. Curado o animal, foi-lhe arranjado um carrinho formado por duas rodas muito leves sobre o qual o cão assenta as nadeças, deslocando-se assim com a maior facilidade.

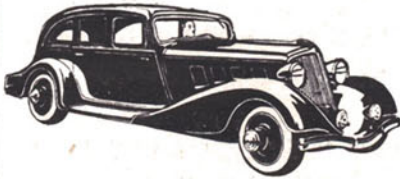
Gatos que nadam

Os gatos podem nadar, se houver cuidado em ensiná-los. Os antigos egipcios empregavam-nos para pescar no Nilo, como se pode deduzir de algumas esculturas que se tem encontrado em paredes antiqüissimas.



CAIXA DE VELOCIDADES-Silenciosa syn-
cronizada — TRAVÕES - Energicos
e progressivos.

AERODINAMICOS-Carrosseries espaçosas
SUSPENSOS EM 3 PONTOS-Chassis ultra
rígidos — MOTORES-Com excesso de força
muito económicos.



4 CILINDROS
MONAQUATRE 8CV
PRIMAQUATRE 11CV
VIVAQUATRE 11CV



VISITEM
NO SALÃO AUTOMOVELOS STANDS

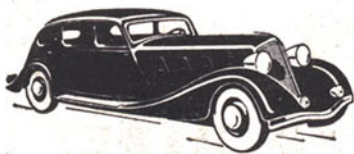
RENAULT

6 CILINDROS · PRIMASTELLA · VIVA SPORT · VIVASTELLA
8 CILINDROS · NERVASPORT · NERVASTELLA · REINASPORT

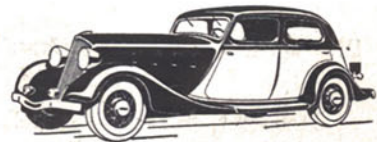
AUTOMOVEIS DE TURISMO · CAMIONS E CAMIONETTES

STAND Nº 31

JARDINS INTERIORES DO PALACIO



AUTO-CARS, AMBULANCIAS
Material para Camaras Municipais
TRACTORES:
6.000 e 15.000 kilos a gasolina ou
oleos pesados.



EM EXPOSIÇÃO NO STAND DOS DISTRIBUIDORES

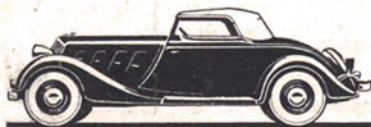
(EXCLUSIVOS PARA LISBOA)

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS

AVENIDA DA LIBERDADE Nº71

CAMIONETES

desde 450 a 2.500 kilos,
carga útil.



CAMIONS

desde 2.500 a 15.000 kilos,
carga útil. A gasolina ou
oleos pesados.

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Acaba de sair a 3.^a edição de

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES

DA
BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Trabalhos de coberturas (telhados, etc.),
estuques, decorações e ornatos, tintas,
pinturas, fingimentos, douraduras, colo-
cações de azulejos, ladrilhos, lambris,
pavimentos e mais trabalhos concernen-
tes ao acabamento de um edifício.

1 vol. encader. em percalina com 355 páginas
e 169 gravuras no texto **Esc. 17\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A aparecer brevemente

É A GUERRA

Diário da grande con-
flagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO



PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génova — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jursiconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. **12\$00**
Encadernado. Esc. **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.189 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 45\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado 12\$00
Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tazzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol, enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcoy (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugertarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas } brochado 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pag., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

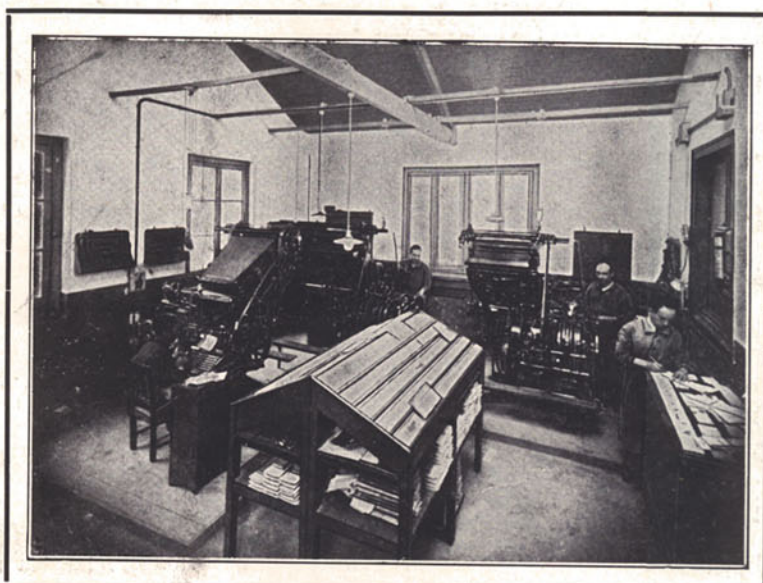
Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura

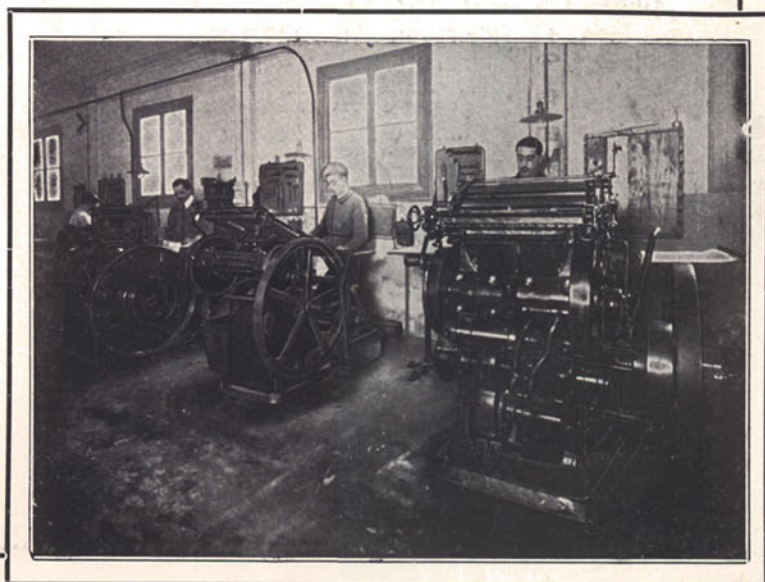


**TRABALHOS
COMERCIAIS**

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

**INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO**

ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de impressão



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA